

O Salto

O JORNAL DOS TRABALHADORES PORTUGUESES EMIGRADOS

VASCO MC MARTINS

LE JOURNAL DES TRAVAILLEURS PORTUGAIS IMMIGRES - B.P. 95 - PARIS 11 - C.C.P. « O Salto » 56 2685 PARIS - MENSUEL - 0,8 DM - 0,8 FL - 10 FB - 1 F

Editorial

**Não aos Bancos
Não aos Consulados
Viva as Associações
de Trabalhadores**

Camaradas,
O ano de 1971 marca uma etapa decisiva na luta dos trabalhadores portugueses emigrados para terem as suas associações e um jornal ao seu serviço. A prova real disso é os senhores dos Bancos e consulados terem sido obrigados a mudar de máscara e, assim, terem criado, em lugar da completamente desmascarada A.N.P.F., as Amizades Franco-Portuguesas e a revista "A Tribuna".

HÁ UM ANO

A situação em fins de 1970, quando foi criado o Jornal dos Trabalhadores Portugueses Emigrados ("O Salto"), era caracterizada pela existência de alguns clubes de trabalhadores, isolados uns dos outros, e por uma grande ofensiva dos Bancos e Consulados, na sua tentativa para controlar e dominar os clubes existentes, e criar outros, onde ainda não haja, pondo-os ao serviço da sua política de rapina.

OS BANCOS

A emigração é fonte de grandes lucros para os Bancos, que recuperam as economias dos trabalhadores.

Segundo o Banco de Portugal, em 1969 foram enviados para Portugal pelos emigrados 14.812 milhões de escudos, ou seja, mais de 7.000 milhões de escudos do que os escudos provenientes do turismo.

Esta fonte de lucros que é a emigração faz com que Bancos, Consulados, e todo o tipo de exploradores, grandes ou pequenos, se lancem numa luta desenfreada para sugarem as economias dos emigrantes.

É exactamente para poderem continuar a explorá-los que eles tentam, desesperadamente, manter os trabalhadores na ignorância.

É pois para atingir este duplo objectivo, os maiores lucros possíveis e manter os trabalhadores de olhos fechados, que, Bancos e Consulados, tentam controlar os clubes de trabalhadores e criam em França a A.N.P.F., na Holanda a Casa Portuguesa, no Luxemburgo o Centro Cultural Português e na Alemanha vários centros (Banco Pinto e Sotto Mayor).

A Associação Nacional dos Portugueses em França foi, durante muito tempo, o melhor exemplo de que acabámos de dizer. Criada pelo "Banque Franco-Portugaise d'Outre-mer" e com o apoio do Consulado ela consegue vários subsídios do S.N.I.

Até 1970, embora graças ao dinheiro parecesse estar a desenvolver-se, ela foi sempre o teatro de uma luta desenfreada entre in-

(Continua na pág. 6)

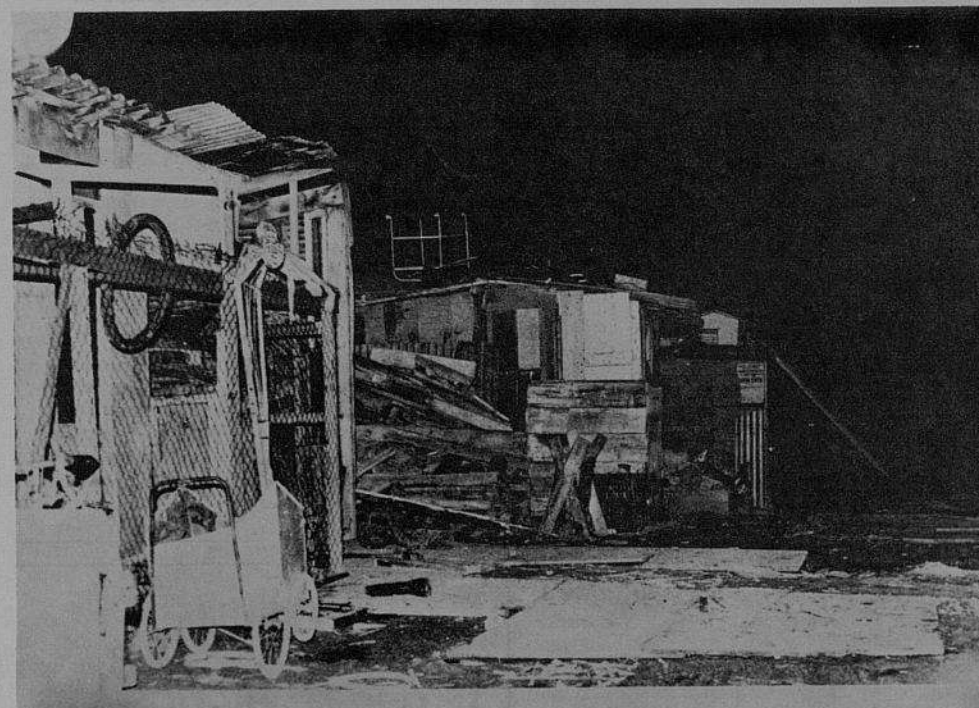
ÚLTIMA HORA

Foi criado
O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES
PORTUGUESES EMIGRADOS

Ver Notícia p. 6

Villeneuve-le-Roi, Carnaxide

NÃO ! NÃO VIVEMOS NAS BARRACAS PORQUE QUEREMOS



« Há-de haver culpados... e até demais! »

RUI MIRA

"Não sabemos como se passou. Era meia-noite. Estava a gente no primeiro sono, quando acordámos. A gente saltou da cama e quando chegámos cá fora estava tudo em alvoroço. Só vi apanhar os mortos, já todos ardidos. O velhote, pai do Castro Ribeiro, que morreu mais a mulher e os 3 filhos, escapou do fogo porque estava numa barraca, num cantinho à frente. Ele diz que foi o fogão que rebentou e meteu fogo à madeira.

Aqui em Villeneuve-le-Roi, já tinham ardido 4 ou 5 barracas, faz 3 ou 4 anos, mas foi de dia, não de noite, quando as mães estavam a lavar no rio.

Não, não costumava cá vir ninguém. Uma assistente social? Sim.

Depois veio tudo. Quando a gente telefonou vieram os polícias, veio toda a gente."

De facto, quando estivémos em Villeneuve-le-Roi, lá estavam 5 assistentes sociais, a carrinha da Perfeitura distribuindo roupinhas para as crianças, e jornalistas do estilo dos do "France-Soir", para quem o tí-

tulo daquela tarde ia valer um milhão. Na realidade, nesse dia, todos os jornais puseram em grandes letras que as "barracas" tinham matado de novo. Em cada parágrafo despejavam lágrimas de crocodilo sobre os mortos e as 100 famílias que ainda lá habitam.

Como se não soubesse de nada, a burguesia descobre as barracas e põe em acção toda a sua máquina de propaganda. Ela tenta fazer-nos crer que vai resolver o problema, que é possível na sua sociedade de exploração e miséria, acabar com as barracas, caves e todas as más condições de habitação. Ao mesmo tempo, ela tenta convencer o povo, que, se há trabalhadores que vivem nas barracas é porque querem.

"Não! Não vivemos nas barracas porque queremos. As pessoas vivem aqui porque não nos querem dar alojamento. Há quem espere casa há dez anos.

O meu homem ganha pouquinho. É um triste manobra. Nunca passará dum manobra. Ele já me disse: "Olha, vou-te pôr a Portugal

porque se formos corridos daqui vamos pagar renda. Se a renda é muito avultada, eu não ganharei para vocês comerem. Tens que ir embora".

-Porque é que deixaram Portugal?

"Aqui, a maioria das pessoas são da Beira Alta. Todo o povo, antes de abalar, trabalhava no campo, mas a terra não dava o suficiente para se governarem. Eu vivia em Penamacor. O meu filho foi cumprir a vida militar, e como era ele que ia ganhando para nós, tive de vir para aqui. De qualquer modo, se não nos arranjam alojamento por estes dias, vamos para Portugal. Eu não quero saber disto.

No Verão isto é mau, mas agora no Inverno isto é a última miséria. O vento dá cabo da saúde!"

Mas a burguesia tem medo do povo. É por isso que, logo que pôde, retirou as barracas calcinadas pelo fogo. Ela sabe que cada dia que passa, a revolta do povo aumenta; e pensa que assim ele vai esquecer. Mas ela engana-se:

"A gente nunca esquece!", diz-nos esta camponesa. Ao seu lado, um homem diz: "Há-de haver culpados!". E ela concluiu: "Deve de haver e até de mais!"

SAINT DENIS

Mas o caso de Villeneuve-le-Roi não é um caso isolado. Em todos os locais de concentração dos trabalhadores emigrados, nós vemos a mesma miséria.

Após Villeneuve-le-Roi, estivémos em St. Denis, onde falámos com um jovem trabalhador que nos disse:

"Eu sei que há muita gente que diz que nós vivemos nas barracas porque queremos. Mas o que é preciso ver é que o ordenado de um homem, que tem de manter mulher e filhos, não dá para pagar as rendas de casa que eles nos oferecem.

Olhe o exemplo de um colega meu: obrigaram-no a ir para ali, para aquelas casas que se vêem daqui, a que chamam provisórias, porque só se está lá enquanto não se vai para um prédio definitivo. Obrigaram-no a ir para lá e no contrato estava marcado que a renda era de 190 F. Pois bem, na verdade ele sempre pagou 340 F. contando a luz, água, gaz e sei lá que mais. E agora mudaram-no de novo para um prédio onde vai pagar 500 F.

Diga-me lá, se a gente mal ganha para comer, como podemos nós aguentar com uma renda dessas? Se eles fizessem umas casas baratas, nós íamos todos, ninguém vive aqui por gosto!"

A verdade é que "eles" não fazem casas baratas, e não as fazem porque na sociedade capitalista, tanto em Portugal como na França, a política do alojamento é como em tudo — a política do lucro.

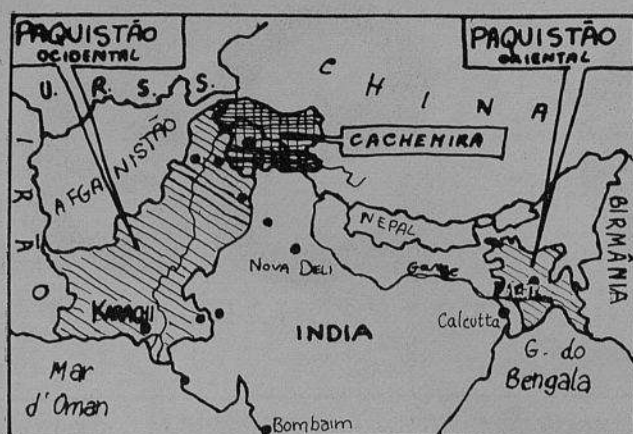
O PROBLEMA DA HABITAÇÃO

Hoje em dia, a industrialização crescente atrai para as grandes cidades uma grande massa de trabalhadores, a ritmo muito mais rápido do que a construção de alojamentos.

Os camponeses que emigram do campo, onde já não conseguem viver, para as cidades para irem trabalhar numa fábrica como operários, não têm especialização nenhuma e os seus ordenados mal lhes chegam para comer. No entanto, estes trabalhadores têm que ter um abrigo. As rendas de casa são-lhes inacessíveis e naturalmente eles irão, como milhares doutros trabalhadores refugiarem-

(Continua na pág. 5)

A ÍNDIA invade e ocupa O PAQUISTÃO



A Índia e o Paquistão faziam parte de uma mesma colónia da Inglaterra até 1947. Os Povos dessa colónia estavam divididos em 2 grupos religiosos: muçulmanos e hindus. Nesse ano, devido à luta desses dois grupos unidos, os colonialistas ingleses viram-se obrigados a dar a independência mas antes de partirem quiseram dividir os Povos, pois era a única maneira de melhor poder continuar a explorá-los.

Para isso, criaram dois estados diferentes com base nas diferenças religiosas: de um lado o Paquistão habitado por cerca de 150 milhões de muçulmanos, por outro lado a Índia habitada por 500 milhões de hindus. O Paquistão ficava dividido em duas partes (Paquistão Oriental e Paquistão Ocidental) separadas pelo território da Índia.

Os dois países foram entregues à burguesia que explorava o povo da antiga colónia. Com o povo dividido, os colonialistas ingleses podiam continuara tirar proveito da sua exploração.

A Índia: País expansionista

Dos dois países, a Índia era o maior e o mais forte. Logo após a independência, a Índia começou a utilizar a sua força para conquistar novos territórios.

Ainda em 1947, o governo indiano enviou as suas tropas invadirem o Cachemira, que era um território independente, forçando-o a fazer parte da Índia.

Em 1948, um outro estado - Hiderabad - foi invadido e tomado pela força pela Índia. Desde então, a Índia atacou outros pequenos povos e tentou invadir a China e o Paquistão.

Mesmo na Índia, os Nagas e os Mizes, povos que lutam pela sua independência, são actualmente bombardeados com Napalm (bombas que podem queimar aldeias inteiras e que são hoje utilizadas pelos americanos no Vietnam e pelos colonialistas portugueses na Guiné, Angola e Moçambique).

A situação na Índia

A Índia é o país onde há mais miséria no mundo e onde a sua população vive principalmente da agricultura. Na cidade de Calcutá, na região do Bengala, há mais de 400 mil pessoas que dormem nas ruas e há algumas centenas que morrem por dia nas bermas dos passeios. Em toda a Índia existem mais de 20 milhões de desempregados. Ao lado desta miséria existem algumas dezenas de parasitas que vivem do suor e da exploração do povo indiano. Para acabar com este estado de coisas, os camponeses esfomeados da aldeia de Naxalbari *, à frente dos quais se encontrava o conhecido dirigente Charu Mazundar **, revoltaram-se contra os senhores feudais, ocuparam as terras dos mesmos e fuzilaram aqueles que, querendo continuar a exploração, não fugiam a tempo.

A partir dessa revolta camponesa, formou-se um grande movimento popular, chamado os Naxalitas, que desenvolve a luta por toda a Índia contra o governo reaccionário indiano, preparando a revolução neste país, fazendo greves, manifestações, passando à luta armada em várias regiões, uma frente de combate de mais de 80 kms. só na região do Bengala.

A este respeito, e num artigo publicado há vários meses, os Naxalitas diziam:

"No espaço de um ano, esta luta espalhou-se de Assam até Cachemira e englobou mais de 12 estados da Índia e já se tornou numa força motora da História. O carácter reaccionário do sistema parlamentar e o carácter de vendidos do presente regime tornaram-se claros para o Povo e as contínuas lutas de classes estão varrendo o mito do Gandismo e as "Promessas de Paz" do governo actual. As contínuas lutas de classes têm trazido à luz do dia a natureza sanguinária do presente reaccionário, a necessidade de batalhas de aniquilação destes sanguinários é sentida por vastas massas do Povo e a luta esta incendiando as ares rurais com um tremendo vigor."

Procurando evitar que o movimento se alastrasse por todo o país, o governo reaccionário indiano enviava polícia com as suas tropas aniquilar os camponeses revoltados e por toda a parte na Índia começa uma campanha de repressão contra o movimento Naxalita. Por toda a parte a polícia assassina ou prende aqueles que consegue apanhar,

enviando-os para campos de concentração que contam hoje dezenas de milhares de Naxalitas. Apesar da repressão, o movimento espalhou-se de uma maneira impetuosa e ganhou novas regiões.

A situação no Paquistão

No Paquistão, tanto na parte Ocidental como Oriental, existem movimentos populares que lutam contra os grandes proprietários, contra a grande burguesia e contra o governo central. A este propósito publicamos a seguir um resumo dum artigo onde os Naxalitas dizem: No Paquistão Oriental há mais de dois anos que o movimento popular passou à luta armada. A burguesia reaccionária do Paquistão Oriental não via com bons olhos esse movimento e, para o combater, aliou-se ao governo central. O chefe desta burguesia reaccionária, Sheik Mujibar Raman, apresentava-se como sendo "a única pessoa capaz de defender o Paquistão Oriental do comunismo"; e para tal colaborou com o governo central para reprimir o povo do Paquistão Oriental.

O governo reaccionário da Índia não só via com maus olhos o movimento popular no Paquistão Oriental, mas sobretudo via em Mujibar Raman o único homem capaz de ajudar a Índia nos seus planos de expansionismo.



Manifestação popular em Calcutá, contra o governo reaccionário indiano.

Quando o governo do Paquistão mandou prender Mujibar Raman, por este colaborar com a Índia, os seus seguidores foram por-se sob a protecção deste país e a partir daí apelavam pela rádio indiana os habitantes do Paquistão Oriental a fugirem aos soldados paquistaneses e a virem "refugiarem-se" na Índia.

A agressão da Índia contra o Paquistão

Uma vez chegados à Índia os "refugiados" mais aptos eram enviados para campos militares onde eram treinados pelos soldados indianos, para mais tarde poderem ajudar o exército indiano a invadir o Paquistão.

Entretanto, a 9 de Agosto de 1971, a Índia assinou um tratado com a Rússia. Esse tratado, que se chama de Amizade, é principalmente um tratado de assistência militar, é um pacto para a guerra. Numa das cláusulas do Tratado diz-se que os dois países comprometem-se a ajudarem-se mutuamente em caso de guerra com um terceiro país.

Logo após a sua assinatura, a Rússia começou a enviar aviões carregados de material de guerra, todos os dias, para o capital da Índia, Nova Deli.

Estamos longe do tempo em que a Rússia, dirigida pela classe operária, era uma das

fortalezas do direito dos povos a disporem deles mesmos.

Aproveitando-se das dificuldades internas do Paquistão e valendo-se do Tratado com a Rússia, a Índia resolve invadir o Paquistão a partir dos primeiros dias de Dezembro, ajudada pelos "refugiados" paquistaneses postos sob comando militar indiano pois era o momento ideal para realizar os seus planos de agressão e expansionismo.

Para justificar essa agressão, a Índia declara que vai "libertar" o Paquistão Oriental do Governo Central do Paquistão. Juntamente com as suas tropas de invasão, a Índia envia também alguns "refugiados" paquistaneses, vendidos ao governo reaccionário indiano, para que estes formem o governo do "Bengala-Desh", à frente dos quais se encontra Sheik Mujibar Raman, e se instalem em Daca, capital do Paquistão Oriental, ocupada, entretanto, por estas tropas.

A esta agressão, o Povo de todo o mundo responderam por uma condenação inequívoca do expansionismo indiano.

A China Popular e vários países do mundo condenaram a agressão indiana e a ajuda prestada pela Rússia a esta agressão e declararam que os problemas internos de um país devem ser resolvidos pelo próprio país, sem que os países vizinhos se venham intrometer e que nenhum país do mundo se deve aproveitar das dificuldades dum país vizinho para o invadir e ocupar. No Conselho de Segurança da ONU, maioria dos países votaram uma moção a favor da cessação imediata dos combates, mas a Rússia opôs-se a essa moção. O problema foi então levantado na Assembleia Geral da ONU e a maioria esmagadora aprovou uma moção condenando a agressão indiana e ordenando a cessação imediata dos combates. O Paquistão aceitou a moção da ONU, mas a Índia recusou-se a cumprir o que a Assembleia Geral da ONU tinha ordenado.

A Índia invadiu e ocupa actualmente o Paquistão Oriental; mas essa agressão de nada lhe servirá, pois o povo do Paquistão Oriental expulsará em breve as tropas indianas de ocupação!

* Naxalbari é uma pequena aldeia do distrito de Darjelling a 400 kms. ao Norte de Calcuta, no Estado do Bengala, na Índia.

** Charu Mazundar era membro do Partido Comunista Indiano e abandonou este Partido por não estar de acordo pela via pacífica por ele seguida, dirigiu a revolta camponesa de Naxalbari e foi um dos fundadores do movimento maquista "Os Naxalitas".

NOTA DA REDACÇÃO

É possível que alguns leitores e assinantes do Salto não estejam de acordo com o artigo de Mário Vieira. A redacção, devido à importância do artigo, abre estas colunas a toda a resposta a este artigo que nos seja enviada até ao dia 18 de Fevereiro.

ESPAÑA

Grandes vitórias da guerra popular

A Espanha continua a atravessar um grande movimento de luta popular contra o governo fascista.

Em Madrid, a totalidade dos estudantes decidiram pôr-se em greve, depois do reitor da faculdade de medicina ter expulso 4.000 inscritos. Prosseguindo a luta, os estudantes madrilenos organizaram manifestações no centro da capital, durante as quais tiveram de opôr uma forte resistência às forças de repressão policial. Houve várias dezenas de feridos de uma parte e outra e a polícia prendeu mais de 150 estudantes. Entretanto, um largo movimento de solidariedade se criou à volta dos protestos dos estudantes tendo-se posto em greve os professores das universidades e os médicos dos hospitais para apoiar as reivindicações dos estudantes. Para cessarem a greve, os estudantes exigem a reintegração dos 4.000 expulsos e a demissão do reitor fascista da faculdade de medicina

Mário Vieira

TAILÂNDIA

Movimentos populares

As forças do exército popular da Tailândia têm vindo, nos últimos meses, a alcançar grandes vitórias nos combates contra as tropas do governo reaccionário tailandês. No princípio do mês de Janeiro, o exército popular lançou ataques a bases aéreas americanas, situadas em território tailandês, destruindo importante quantidade de material.

Nos dias 19 e 20 do mesmo mês, foram lançados ataques de grande envergadura contra postos militares governamentais, sobretudo na região de Mab-Kaeng, no norte da Tailândia, provocando mais de 30 baixas nos soldados do governo reaccionário.

Assim, após o povo vietnamita, cambodjano e laociano, o povo tailandês pega em armas para acabar com a exploração e a opressão no seu país.

A vitória do povo tailandês sobre o imperialismo americano e sobre o governo reaccionário tailandês é uma certeza de que todos os povos do mundo se devem regozijar.

Mário Vieira

UM JORNAL DE TRABALHADORES ...

(Continuação da pág. 7)

Pedimos pois que nos escrevas, dizendo como pensas e podes contribuir para que O Salto seja "o pedreiro que vai construindo os alicerces da União dos Trabalhadores Portugueses Emigrados" de que falávamos no 1º número d'O Salto.

Esperando em breve resposta tua,

Saudações fraternais
O COLECTIVO DO SALTO

P.S.- Relembramos-te que ninguém fica prejudicado monetariamente por O Salto não sair todos os meses. A assinatura é de 12 números e não de 12 meses.

Esta carta foi enviada a todos os assinantes do jornal. Entretanto nós achámos que ela deveria ser do conhecimento de todos os leitores e resolvemos publicá-la.

UM TRABALHADOR PREVENIDO VALE POR DOIS

Camradas,

Continuo a ter grande interesse pela leitura dos artigos: UM TRABALHADOR PREVENIDO VALE POR DOIS.

Como aos trabalhadores diariamente surgem casos dos quais não estão prevenidos, eles acabam por não valerem por dois e o resultado é serem burlados.

Vou relatar o meu caso e, se entenderem que ele serve para prevenir trabalhadores, publiquem-no.

Eu já sabia que os Consulados de Portugal no estrangeiro não são para ajudar os trabalhadores emigrados, mas sim para os explorar. A confirmação que obtive vai mais além, nem sei se foi uma burla praticada dentro ou fora da lei.

Requerei no Consulado de Tours uma procuração, declarando os fins a que se destinava. Depois da sua elaboração o funcionário fez a leitura da mesma e eu, antes de assinar, pedi esclarecimentos, respondendo-me ele que aquela procuração dava para o procurador resolver tudo. Quando em Portugal esta vai para ser utilizada, não servia porque não dava poderes ao procurador para ser meu herdeiro. Conclusão: tive de pagar nova maquia por outra procuração. Enfim é com isto que esses senhores se governam e vivem "à grande e à francesa".

Também na mesma ocasião tive de pagar uma quantia elevada pela nova modalidade de renovação da matrícula. Antiquamente era uma caderneta colectiva que se renovava anualmente, agora é um cartão para cada membro da família, pagando-se logo a sua validade por cinco anos sobre cada cartão. Actualmente será assim em todos os consulados? Sei que no Consulado de Paris perguntavam se queríamos os documentos com ou sem urgência, havendo diferença de preço; em Tours é "Passa para cá 109F", pela renovação do passaporte.

Um Leitor

A BURGUESIA PORTUGUESA ESTÁ DIVIDIDA

A propósito dos deputados liberais

O governo de Caetano chamou a fazerem parte das suas listas, aquando das últimas eleições para deputados, um grupo de fascistas que se chamam a si mesmos "Liberais" e que têm como líderes Sá Carneiro e Balzão.

Nestas eleições que decorreram exactamente como todas as outras no período salazarista, estes deputados foram eleitos. Na Assembleia Nacional eles têm sido defensores da nova política económica dos grandes capitalistas portugueses: a modernização do aparelho do Estado capitalista português.

As recentes declarações destes deputados têm posto a nu as contradições agudas em que se debate a burguesia portuguesa, após o grande desenvolvimento industrial dos últimos 30 anos.

Uma classe operária forte e aguerrida

A 2ª Grande Guerra Mundial veio dar um grande impulso ao desenvolvimento do capitalismo português, entre 1944 e 1962: a produção industrial total triplicou, segundo dados oficiais. É a época em que os grandes proprietários da terra, em Portugal e nas colónias, e a grande burguesia comercial constituíam a principal força ao seio do governo de Salazar e aí governavam, tendo a Igreja, o Exército e a Polícia como seus principais instrumentos. Essa época foi já ultrapassada. Nos últimos 40 anos, os donos dos Bancos e das indústrias passaram a dominar quase toda a economia portuguesa.

O aparecimento destes deputados, ditos liberais, concorreu às grandes modificações que sofreu a economia portuguesa nos últimos 40 anos.

Portugal perdeu completamente os últimos

tugal e do bolo colonial.

É assim que no dia 17 de Fevereiro último, Rogério Martins, secretário de Estado à indústria, representando ao seio do governo a C.U.F. (um dos 200 maiores grupos industriais europeus), define, num discurso, a nova política económica, no sentido de uma maior dependência da Europa.

Este discurso foi violentamente criticado em Abril por M. Nogueira, ministro dos negócios estrangeiros no tempo de Salazar, que atacou severamente aqueles que davam a prioridade à Europa em prejuízo das províncias ultramarinas.

O principal tratado que regulava o apoio do imperialismo alemão à Guerra Colonial, data de 1963, e é a rectificação do tratado de 1960. O imperialismo alemão adquiriu, assim, em Beja a sua única base militar no estrangeiro, bem como um centro de treino para o exército em Santa Margarida.

Além da assistência directa ao colonialismo português, tal como o fornecimento de aviões, navios de guerra, camiões, bombas e armas, a Alemanha forneceu um empréstimo de 40 milhões de contos em 1961, 35 milhões em 1962 e 15 milhões em 1963.

A ligação de deputados liberais a este grupo que tem Marcelo Caetano como chefe, está bem provada no discurso do deputado dito "Liberal" Pinto Leite, quando, na Assembleia Nacional, tecia um elogio ao Secretário da Indústria, Rogério Martins, o da C.U.F., que estava de volta da Alemanha.

"Portugal embora de vocação ultramarina é também europeu. Encaramos o futuro com esperanças e com lúcida objectividade e porque é sobre a tentativa de exaustação económica que se exerce o mais perigoso ataque à independência nacional e à unidade nacional."

Vejam os pois o que defende este grupo.

Primeiro, ao falar de vocação ultramarina mostra-se inteiramente de acordo com a continuação da exploração colonial. Mas a grande burguesia portuguesa recorre, como vimos, ao imperialismo americano e alemão para tentar manter a exploração ultramarina sobre novas formas e também para tentar impedir o desenvolvimento da luta popular.

Ora o Secretário da Indústria, R. Martins, elogiado por Pinto Leite, acabava de chegar da Alemanha onde tinha arranjado um investimento de 90 milhões de marcos, daí o "Portugal é também europeu". Depois, Pinto Leite ataca a política do grupo dos salazaristas, que, com medo de perderem o seu quinhão frente ao imperialismo internacional, preconizam o isolamento e chamam-lhes suicidas.

É que este fiel servidor da burguesia sabe que se ela não recorresse a estes apoios não seria capaz de se manter muito mais tempo perante a luta dos povos africanos e fazer frente à luta do povo português.

O fascismo dos «liberais»

Mas será que Pinto Leite e os outros marcelistas preconizam acabar com o fascismo, ditadura terrorista da burguesia sobre as massas trabalhadoras e a implantação de um regime democrático-burguês, estilo Holanda? Não!

Vejam os que diz o projecto de Lei de imprensa apresentado por dois membros do grupo "Liberal" Sá Carneiro e Balzão sobre os limites à liberdade de imprensa:

"... impõe como limites deconentes dos seus preceitos e daqueles que a lei geral impõe aos actos das pessoas, em ordem a impedir a subversão da opinião pública a sua função de força social e salvaguardar a integridade moral dos cidadãos".

O referido projecto, mais adiante, proíbe a difusão de notícias militares.

É evidente que o que eles querem é tentar impedir a subversão pública, isto é, a liberdade para as classes operária e camponesa de se organizarem e afirmarem a sua posição de classe através de jornais e outras formas de divulgação.

Eles pretendem pois, para sair da crise que atravessa o capitalismo em Portugal ao mesmo tempo modernizar o aparelho de Estado burguês, manter um apertado controle policial e sindical sobre a classe operária.

As contradições aparentes entre este grupo e Marcelo Caetano é que eles defendem tudo aquilo que o Marcelo, que tenta equilibrar as várias forças da burguesia, ainda não pode defender. Na actual situação só há duas possibilidades: ou a burguesia consegue modernizar o Estado e sair temporariamente da crise, à custa das massas trabalhadoras, ou então o país entrará numa fase de luta revolucionária verdadeira e haverá um confronto entre as grandes massas operárias dos campos e das cidades contra o poder da grande burguesia.

Mas para que as classes trabalhadoras não sirvam a política de modernização da burguesia é preciso que os trabalhadores não se deixem levar por manobras de liberalização e tenham bem consciência da realidade. A ditadura da burguesia com Marcelo ou Salazar é, no fundo, a mesma: a ditadura terrorista sobre as classes trabalhadoras, o fascismo.

Manuel Valente

Almeida Gomes

Para acabar com a cólera só matando as «moscas»

A Organização Mundial de Saúde, em nota enviada já em fins de Novembro último a todos os países membros, considera Portugal zona influenciada pela cólera. Isto veio pôr termo a todos os Comunicados da Direcção Geral de Saúde que, pretendendo esconder o que se passava, diziam que o caso não era grave.

Após esta declaração, dois enviados da Organização Mundial de Saúde vieram a Portugal, deram uma Conferência de Imprensa e publicaram vários comunicados onde diziam, entre outras coisas, que era absolutamente necessário lutar contra as moscas.

A Comissão Nacional de Luta Contra a Cólera publicou, também, um comunicado que diz, sobre as necessidades imediatas, no ponto I, última alínea:

— Mentalizar a população para que crie grande interesse pela manutenção higiénica do meio em que vive e estimulá-la a actuar junto das autoridades locais no sentido de darem prioridade aos trabalhos de saneamento — abastecimento de água potável, redes, tratamentos de águas residuais, disposição conveniente dos lixos e luta contra as moscas.

A cólera produto da miséria

A cólera não é produto de falta de medidas higiénicas do povo, como a Direcção Geral de Saúde quer fazer crer, é o produto da situação de miséria em que vivem as massas operárias e camponesas em Portugal. Como pode haver higiene pessoal num país onde apenas 1 em cada 5 habitantes dispõe de casa de banho? (1). Em Lisboa, em 1960 "havia 115.071 famílias (cerca de meio milhão de pessoas) sem habitação capaz, das quais 16.812 (a população conjunta de Setúbal e Évora) estavam a viver em barracas" (2).

Não foi por acaso que os primeiros casos de cólera se deram no Alto da Magueira, conjunto de barracas miseráveis. Como pode o povo português estar apto a enfrentar doenças se é o último país europeu no consumo de proteínas (constituintes do organismo humano sem os quais o homem não pode viver e que se encontra principalmente na

carne, peixe, leite e ovos)? Isto leva a que dos 100 casos de cólera diagnosticados na Europa 68 tenham sido em Portugal, com 4 mortes (3).

Para que trabalhadores possam um dia precaverem-se da doença, através de higiene e duma alimentação sã, têm que ser eles a dirigir todos os aspectos da vida no país.

Mas, eles não alcançam isso indo à câmara pedir mais saneamento, como nos quer fazer



A medicina nas mãos do Povo, único meio de acabar com a cólera

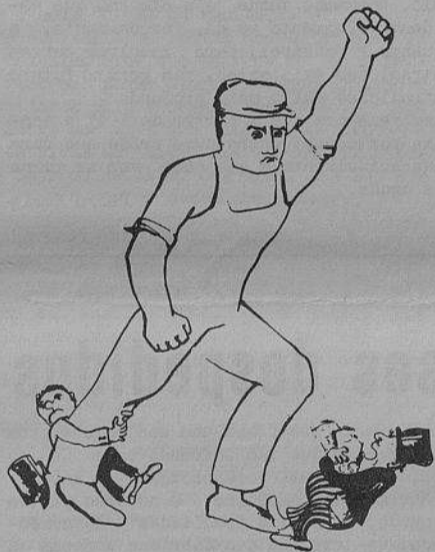
crer a Direcção Geral de Saúde. É que os senhores da Câmara estão ao serviço do Governo Central de que faz a Direcção Geral de Saúde, e se eles nos enviam lá é para tentarem impedir que a nossa "cólera" se dirija contra os patrões do governo, os capitalistas que estbanjam milhões em jantaras enquanto morremos de cólera.

Sim, para acabar com a cólera é preciso matar moscas mas muito mais rechunchadas do que aquelas de que falava a Direcção Geral de Segurança.

1- R. Pereira da Silva, em "Habitação e Urbanismo em Portugal", Análise Social, vol. IV, nº 14, 1966.

2- "Comércio do Funchal", 21-II-71

3- Viriato das "Barracas", Vida Mundial, 29-I-1971



Luta popular ou modernização?

traços semi-feudais e tornou-se umpais onde as relações capitalistas dominam por toda a parte. Já em 1960, os trabalhadores assalariados (operários, jornaleiros, criadas e empregados) constituíam a esmagadora maioria da população activa, ou seja 3/4 dessa mesma população. Os operários da indústria que em 1940 eram 500.000, em 1960 já eram 1 milhão e o processo tem vindo a desenvolver-se. No entanto, este desenvolvimento da indústria não corresponde, de forma nenhuma, a uma melhoria das condições de vida dos trabalhadores e, pelo contrário, a exploração dos povos das colónias e do povo português tem aumentado.

Com a criação de novas indústrias também aumentou a classe operária que em 1960 é já uma classe forte e aguerrida em muitos anos de luta contra o fascismo e pronta a lançar-se à conquista do poder.

Em 1961 começa a luta de libertação dos povos das colónias ao que se vem juntar as grandes manifestações em Portugal de 1961-1962. Isto faz com que a burguesia portuguesa passe a actuar com muita mais cautela.

Portugal vendido ao imperialismo

Assim a grande burguesia industrial e financeira, representada ao princípio por Umberto Delgado e depois por Marcelo Caetano e pelos deputados Liberais, tenta obter do imperialismo norte-americano e alemão o apoio necessário para remodelar o aparelho fascista em Portugal; ao mesmo tempo reforça a repressão aos movimentos de libertação e tenta preparar uma solução de tipo neo-colonial, onde a exploração colonial seria mantida debaixo da fachada de um governo de africanos vendidos.

A recente Cimeira dos Açores, em que a troca da venda de parte de Portugal e da base nos Açores ao imperialismo americano, o governo de Caetano conseguiu uma importante ajuda financeira, o que é a provável recente desta política. No entanto é o imperialismo alemão que ganha em corrida aos outros imperialismos, na partilha de Por-

Vieira de Leiria

MAIS UMA VITÓRIA DOS OPERÁRIOS

Em Vieira de Leiria fez-se um novo contrato de trabalho na fábrica do Albano Tomé Fiteira. Foi concluído no dia 6 de Outubro e está agora nas mãos do ministro. O Albano assim que soube que os "ficadores" de 1º passavam para 4.100\$00 ao mês, ficou fúido. Deu voltas para anular o contrato mas não conseguiu. Falou-se que esteve em Lisboa para o efeito. E, quando voltou, deu cartas de despedimento por aí à toa. Foram despedidos uns vinte operários. Só da secção das máquinas foram uns quinze. Houve quem fosse ter com o delegado do Sindicato. Este disse-lhes que o patrão estava dentro da Lei, desde que pagasse as indemnizações. Porém, a dois dos despedidos não lhes quiz pagar, dizendo que eles não davam a produção". Recorreram os dois ao Sindicato. Mas depressa perderam as ilusões que tinham no Sindicato, pois os seus dirigentes, embora se apresentem como defensores dos trabalhadores estão é do lado do patrão. Está visto que com Sindicatos não se resolve nada, pois o patrão foi ver os dirigentes sindicais para que estes fizessem uma pro-

posta aos operários no sentido destes últimos pedirem somente 20 % de aumento. Ora a proposta do contrato estava já definitivamente aprovada. Mesmo assim, o Sindicato apresentou o caso aos operários. As reacções dos trabalhadores foram de molde a não deixar o Albano satisfeito. Ainda assim andou de operário em operário a tentar convencê-los a aceitarem só 20 % de aumento. A resposta foi "Não!". E ele, perante a "força unida de todos os trabalhadores", viu-se impotente para atingir os seus fins ao mesmo tempo que era obrigado, perante as exigências dos assalariados, a receber trabalhadores que tinha despedido sem razão justificada.

Na mesma altura, os dirigentes sindicais foram completamente desmascarados. Eles abandonaram os operários e puseram-se ao lado dos patrões. Hoje, em Portugal, os trabalhadores têm de lutar contra os sindicatos e acabar com eles, pois estes não defendem os seus interesses: são sindicatos fascistas, contratados pela FIDE (D.G.S.).

20 ANOS DE LUTA CONTRA OS PATRÕES E SINDICATOS

Na década de 1940 a 1950, o Albano Fiteira mandou prender alguns operários de Vieira de Leiria, entre eles os dirigentes sindicais acusando-os de comunistas, devido às lutas levadas a cabo pelo Sindicato.

Nessa altura, era possível pôr à frente dos Sindicatos Nacionais direcções que defendessem os interesses dos trabalhadores, pois, devido à crise que o regime fascista atravessava, tanto no plano internacional como nacional, a vigilância fascista era menor. Iso não fazia com que os Sind. Nac. se tornassem Sindicatos verdadeiros, mas permitia neutralizar a máquina policial fascista que oprimia os operários, e dava possibilidade das lutas dos trabalhadores se desenvolverem.

Mas, após essa década, o Albano Fiteira, pôs na direcção do Sindicato quem queria e servia-se dele como queria. Foi mesmo ao ponto de obrigar os operários a pagar a água que bebiam, o que veio dar origem a lutas em 1963. O que fez o Albano F., fazia-se em todo o Portugal nessa época, pois, passadas as dificuldades, o governo fascista mandou prender todas as direcções sindicais que defendessem os trabalhadores, e reforçou consideravelmente o seu controle sobre todos os sindicatos nacionais, cujas direcções ficaram a ser controladas pela FIDE. No entanto isso foi permitir que os

trabalhadores reforçassem na sua consciência que, realmente, os sindicatos nacionais eram mais uma repartição pública para qual eram obrigados a dar dinheiro. Isso mostrou, a quem quiz ver, que era errado por direcções que defendam os trabalhadores nos sindicatos fascistas.

Em 1970, os operários da Empresa do Albano Fiteira puseram-se em greve para exigir um aumento de salário. Durante a greve, o Sindicato foi completamente ultrapassado pelos acontecimentos, tendo sido os operários a exigirem 17 % de aumento, o que vieram a obter. Tal como agora, nas lutas de 1971, também na greve de 1970, a Direcção do Sindicato mostrou que estava do lado dos patrões e que defendia os seus interesses.

Mas, se os sindicatos fascistas não são verdadeiros sindicatos, isso não impede que os trabalhadores não devam ter os seus sindicatos. Pelo contrário, os trabalhadores portugueses devem organizar eles mesmos os seus sindicatos, nos quais eles entram livremente e os quais vão defender realmente os seus interesses, contra os patrões e o seu estado fascista.

Sem mais, cumprimentos de um camarada.

ALEMANHA

O VERDADEIRO PAPEL dos assistentes sociais

No último número d' O Salto referimo-nos às festas dos consulado e bancos, dizendo que estas festas não são mais que a continuação da exploração. Ora, o assunto que queremos hoje apreciar está muito ligado, senão totalmente, à campanha dos bancos e consulados.

Segundo nos é dado a saber através dum boletim oficial, publicado pela Direcção Geral de Informação do Secretariado de Estado de Informação e Turismo, foi realizada na Alemanha, em Koenigstein, a reunião anual dos assistentes sociais portugueses na Alemanha. Esta reunião foi promovida pela Caritas alemã, segundo a mesma fonte.

Na mesma altura e na mesma cidade, reuniu-se também o embaixador de Portugal em Bona com o Secretário Nacional da Emigração, os consules de Hambourg, Dusseldorf, Stuttgart e Frankfurt e tendo tomado parte o

padre José Cabral. Nesta reunião foram "estudados problemas decorrentes do apoio a dispensar aos nossos emigrantes".

Os portugueses emigrados conhecem bem e sentem na carne o que são e o que fazem os assistentes sociais. Eles são sempre os primeiros a dar razão aos patrões quando lhes apresentamos as nossas dificuldades. São eles que, por todos os meios, sabotam a nossa iniciativa. Com as suas palavrinhas doces, tentam sempre desviar-nos de protestar contra injustiças que nos fazem. Alguns são agentes bancários, outros são agentes da PIDE (agora baptizada D.G.S.), outros informadores do consulado, etc., etc...

a caritas e os assistentes sociais

A acção que desenvolvem entre os emigrantes é-lhes facilitada e apoiada pela Caritas. Vários exemplos há em que a Caritas, ao "oferecer" (1) um subsídio, estava a preparar o terreno para esses "bondosos" da PIDE que tanto "se preocupam" conosco. Esta reunião não é senão a prova de que a Caritas e os assistentes sociais trabalham em conjunto, e é em conjunto que fazem os seus planos e engendram todas as manobras para continuarem a repressão, a exploração e a ignorância que eramos já vítimas em Portugal.

Não é também por acaso que o Embaixador, os consules, o Secretário Nacional da Emigração e o padre José Cabral se encontraram em Koenigstein.

O governo fascista não perde nenhuma oportunidade para tentar ter o controle político da emigração. Estes criados da burguesia, em colaboração com a Caritas, tentam de todas as maneiras, manter-nos aqui no estrangeiro, abaixo da canga da ignorância. Eles sabem bem, e disso têm medo, que nós nos unimos e começamos a estar conscientes da nossa situação de trabalhadores emigrados, sujeitos à exploração. Para tal, e em colaboração com a Igreja e a Caritas, procuram abrir novos "centros" fascistas, para através das suas actividades, nos levarem a afastar-nos da realidade, dando-nos apenas "casas de copos", bailes e uns padres, a que chamam assistentes sociais, para travarem o nosso protesto contra as injustiças que sofremos.

Mas as manobras dos fascistas não nos enganarão. Os trabalhadores portugueses, emigrados na Alemanha e noutros países, começaram já a construir os seus próprios centros e a sua união. Nem o dinheiro dos bancos, nem as pressões do governo fascista português, poderão destruir a nossa união e os nossos centros e associações.

Vivam os centros dos trabalhadores!

Abaixo os centros fascistas!

Viva a união dos Trabalhadores Portugueses Emigrados! Francisco Lopes

(1) - Todos os trabalhadores portugueses na Alemanha descontam do seu salário para a Caritas. É com uma parte desses salários que a Caritas diz oferecer subsídios para cursos de alemão e outras actividades. Como se pode ver, esta organização não oferece nada; ela tira-nos dos nossos salários para só voltar a dar umas pequenas migalhas. O restofica com ele.

ESCREVE PARA O Salto BP.95 PARIS XI

SUÉCIA

O DESEMPREGO ATINGE OS TRABALHADORES EMIGRADOS

Embora se diga que a Suécia é um país desenvolvido e que não é atingida por crises etc., isso não corresponde à verdade. Actualmente a Suécia, como todos os países capitalistas, passa por uma onda de desemprego sem precedentes. O desemprego atinge principalmente, como por toda a parte, os trabalhadores emigrados. Vejamos a seguinte notícia:

"Segundo o ofício de trabalho Finlândia em Helsinki, 15 000 trabalhadores emigrados na Suécia voltaram para o seu país. A causa principal é que novos despedimentos massivos têm lugar todos os dias, numerosas fábricas abrem falência ou se expatriam ou ainda reduzem o pessoal e horas de trabalho. Por outro lado a semana de 40 horas não entrará em vigor senão no decurso do ano de 1973".

EMIGRAÇÃO 5

A guerra colonial como causa da emigração

Em 1961 começa a luta de libertação em Angola, que é seguida por Moçambique em 1963 e Guiné em 1964.

Para financiar as despesas da Guerra, o Governo Português lança mãos aos empréstimos de capitais estrangeiros. Isto são divisas que entram em Portugal e vão aumentar o dinheiro em circulação. Esta subida de dinheiro que não é acompanhada dum aumento de produção (de bens produzidos que o povo possa comprar), ligada ao facto de milhares de jovens serem enviados para a Guerra, retirados assim da produção, continuando, no entanto a consumir, provoca o aumento de preços e, conseqüentemente, carestia de vida; isto é, as condições de vida pioram de dia para dia.

Este é outro factor grandemente responsável, mesmo o principal, pela emigração da década de 60.

A guerra colonial tem desta maneira grande influência na emigração, por várias razões.

1- A saída de jovens de cerca de 20 anos que se recusam a fazer a guerra colonial. Ligado ao problema destes jovens está a saída de muitas famílias que emigram para evitar que os seus filhos tenham que abandonar, um dia mais tarde, clandestinamente o País.

2- As despesas da guerra dificultam o crescimento económico. O dinheiro gasto em material de guerra podia, noutras circunstâncias, ser investido em actividades onde muitos trabalhadores encontrariam emprego. Devemos ter bem presente que, segundo dados oficiais (os quais não nos oferecemos garantias), as despesas com a guerra absorveram em 1970 cerca de 49% das Receitas do Estado.

3- Para fazer face às despesas da guerra e também para equilibrar a balança de pagamentos, o governo vê-se obrigado a recorrer à importação de capitais (empréstimos do estrangeiro), com os quais procura tapar o problema levantado pela guerra. Isto é, capitais estrangeiros vão ser investidos onde deveria ser investido o que é gasto com a guerra. Isto implica que o montante de dinheiro em circulação seja muito maior do que seria se não houvesse guerra. Tal facto provoca a alta dos preços. A vida piora o que obriga muitos trabalhadores a emigrar.

4- Os 150 000 (média) jovens enviados para a guerra colonial pode parecer-nos à primeira vista que têm influência negativa

na emigração; pois se não fossem para a guerra teria de haver emprego para eles. Mas não devemos esquecer que esses jovens continuam a necessitar de alimentação e vestuário, por exemplo. Eles continuam a consumir sem produzirem. Aparecem no mercado procurando bens sem que haja uma contrapartida na produção. Isto provoca também aumento de preços. E como já atrás dissemos, o aumento de preços cria novas dificuldades aos trabalhadores que por isso se vêm obrigados a emigrar.

5- O Governo, para financiar as despesas de guerra, lança impostos sobre impostos. Como exemplo, lembramos o imposto de "salvação". Mas há muitos mais. Estes impostos refletem-se directamente no aumento dos preços.

Ora, como vimos atrás, a guerra colonial influencia de várias maneiras a subida dos preços e conseqüentemente a emigração. É por isso que podemos dizer que a guerra colonial tem uma influência decisiva na onda emigratória da década de 60. No próximo número reforçaremos esta afirmação com dados estatísticos.

É também por isso que, como disse Francisco Martins, podemos afirmar que a inflação é uma maneira de financiar a guerra. Aqui, a afirmação parece um pouco confusa. Acontece que a guerra e a necessidade de a financiar são a causa directa da inflação.

É interessante notar que foi também na década de 60, concretamente entre 1962 e 1967, que a economia portuguesa sofreu um razoável desenvolvimento. Isto pode gerar confusão em algumas pessoas que perguntarão como é possível um tal desenvolvimento em tempo de guerra?

A esse assunto voltaremos num dos próximos números em que iremos relacionar a emigração com alguns dos componentes da balança de pagamentos — especialmente as transacções privadas e a balança de capitais — e com essa evolução económica.

Para que não se cometam erros de raciocínio, chamamos desde já a atenção para esse desenvolvimento se dá, forçosamente, e enquanto é possível, para resolver certas contradições existentes, mas gerando futuro contradições muito mais profundas.

Lembremo-nos que a partir de 1967 a economia portuguesa entra numa crise que dura ainda actualmente e que cada vez se torna mais aguda.

Pedro Faria

(continua no próximo número)

BORDÉUS

Mais uma vitima das más condições de trabalho

Recentemente um operário português, António Clemente, de 49 anos de idade, vivendo num hotel na rua Lafontaine, foi encontrado morto pelos seus camaradas no coletor de águas usadas. É um túnel de cimento de 1m 50 de diâmetro e 165 metros de comprimento que está a 5 metros da superfície da terra. Ele trabalhava lá, por conta da "entreprise" D.A.S.S.E., sob a direcção da Societe Lionese des Eaux. Subido à superfície por outro camarada, já não pôde ser reanimado. O médico dos bombeiros diagnosticou um ataque cardíaco que poderia ter sido devido à falta de ar no coletor. Com efeito, não há mais nenhuma entrada de ar além das extremidades, afastadas de 165 metros. Por outro lado, nas extremidades dos canais de acesso, vários engenhos de trabalhos públicos desprendem muito gás tóxico que polui o ar e penetra no coletor.

Isto é mais um exemplo das más condições de trabalho, por nós tantas vezes já denunciadas, produto da sociedade em que vivemos e que afectam particularmente os trabalhadores emigrados.

TROYES

O MISTÉRIO DESVENDADO

Para todos os leitores do jornal O Salto venho dar seguimento ao artigo publicado no último número com o título "O Salto em Troyes e a União Recreativa 'Os Lusitanos'" e onde eu afirmava que o mistério de Afonso (V) seria desvendado.

AFONSO (V) REGRESSOU

Como vocês já sabem Afonso (V) tinha partido para Moçambique, onde, segundo ele dizia apesar de tudo, o clima estava mais fresco. De volta de Moçambique, dirigiu-se à A.N.P.F.; mas a fechadura já era outra e este inimigo dos emigrantes portugueses, sentindo-se desmascarado, desatou a gritar "Agarra que é ladrão" e, segundo consta", meteu os seus amigos sucessores em tribunal. Em vez destes fidalgos andarem a atacar-se uns aos outros, chamando-se mutuamente de ladrões, não fariam melhor indemnizar os emigrantes pelos prejuízos que estes tiveram?

A A.N.P.F. fechou as portas, o "Correio Português" já não sai e dizem que é bancarota.

Perguntamos então: "Para onde ia o dinheiro das Filiais, em particular os 2.000F da filial de Troyes Para onde ia o dinheiro do governo português do Banco? Porque motivo na Filial de Troyes nunca existiu um cancelho fiscal? Porque é que o seu presidente disse que, se existisse um, demitia-se? Porque motivo a impremária do jornal está esperando o dinheiro que lhe devem? Porque motivo os passaportes ficaram mais caros por intermédio da Associação que directamente arranjados no Consulado? Porque motivo os homens da A.N.P.F. de Troyes exigiam dos associados uma soma de 50 F. cada um, para os levarem a Nogeant-sur-Marne, ao consulado, nos seus carros particulares? Claro que assim, podem enviar para Portugal, todos os meses, a soma de 10.000 escudos.

Os sócios e os leitores devem reflectir nestes casos, para os quais estamos esperando uma resposta desde que numa A.G. da secção de Troyes fizemos todas estas perguntas. Como não obtivemos resposta saímos e criámos a União Recreativa "Os Lusitanos" de Troyes. Hoje o clube A União Recreativa já tem dentes e morde; brevemente será adulta visto ter sido criada por trabalhadores, que a única coisa que querem é desenvolver o seu clube.

Desde já, agradecemos ao Jornal O Salto que permitiu que dessemos a conhecer este caso.

União Recreativa "Os Lusitanos de Troyes"

HOLANDA

operários portugueses despedidos

Já no último número d' O Salto nós referimos à crise que se avizinha na Holanda, como aliás, em todo o mundo capitalista, e chamamos a atenção dos nossos camaradas residentes, para os cuidados a ter em relação ao despedimento.

Tomamos conhecimento que a fábrica de encadernação, Boekbinderij- Kusters- Duivendrecht, despediu 25 operários, entre os quais 16 portugueses, tendo antes distribuído uma circular onde se podia ler: "São principalmente trabalhadores que há poucos anos trabalham nesta empresa, entre eles mulheres casadas e trabalhadores estrangeiros, que irão ser despedidos".

Os capitalistas, na sua corrida ao lucro fazem produzir o mais possível sem, por vezes, olharem àquilo que podem vender. Quando a maré lhes é favorável, sempre vão arranjando quem lhes compre os produtos fabricados; mas o pior é que nem sempre os planos que fazem se realizam. Assim, com a

concorrência que fazem uns aos outros, com as derrotas que vão sofrendo cada dia no Laos, no Vietnam, no Camboja, em Angola, em Moçambique, na Guiné e noutras partes do mundo, as suas dificuldades vão aumentando. Os armazéns das fábricas começam a amontoar quantidades enormes de produtos. Algumas fábricas fecham as portas e outras, como é agora o caso, despedem uma parte do pessoal. Assiste-se a toda uma série de artimanhas da burguesia, tais como: obrigação de fazer horas extraordinárias (não as pagando por vezes), ameaças e maus tratos. Tudo isto acompanhado de uma grande campanha na imprensa, na rádio e na televisão ameaçando-nos com o desemprego, para que façamos tudo o que eles queiram.

O governo holandês não se cansa de gritar que "todos devemos colaborar para que a economia não se vá arruinando" mas o que pretendem, no fundo, é que não protestemos por meio de greves ou qualquer outra forma para obtermos aumentos de ordenado ou porque contra o despedimento dos nossos camaradas. Mais ainda, o pior medo dele (o governo holandês) é que a classe operária holandesa tome consciência da sua força e se organize.

ATENÇÃO AOS DESPEDITOS

Com este título distribuiu a Associação "Resistência e Trabalho" um panfleto sobre os despedimentos na Holanda que terminava, dizendo: "... A Associação "Resistência e Trabalho" solidariza-se com os 16 portugueses despedidos pela firma Boekbinderij-Kusters-Duivendrecht e chama todos os portugueses a terem a máxima atenção com as manobras dos Patrões contra eles ou contra outros trabalhadores independentemente da sua nacionalidade".

O Salto apoia a justa posição expressa no panfleto "Atenção Portugueses" e apela aos trabalhadores portugueses emigrados na Holanda a unirem-se estreitamente na Associação "Resistência e Trabalho".

atenção ao despedimento

Devem procurar que o despedimento seja feito sempre à frente de duas testemunhas em quem tenham a máxima confiança. Caso o patrão ou seu representante se recuse a fazê-lo em frente de duas testemunhas recusem-se com firmeza a abandonar o trabalho. Não receiem ameaças com a policia!

Morreu ANTÓNIO VARIDÓ combatente da revolta na Marinha Grande

No passado dia 17 de Janeiro faleceu num hospital em Colónia o camarada António de Sousa Varidó. António Varidó nasceu na Marinha Grande e aí participou na heróica Revolta de 18 de Janeiro de 1932 em que os operários, sob a direcção de José Gregório, atacaram a guarda e ocuparam a vila.

António Varidó foi, com muitos dos seus camaradas, preso em seguida, pois eles esperavam que a revolta tivesse lugar em todo o País e ela só rebentou na Marinha Grande, o que facilitou a contra-ofensiva da guarda, vinda de Leiria.

Ele passou 5 anos no campo de concentração do Tarrafal e outros 5 anos em Caxias e Peniche.

Mas nem as prisões nem a morte podem impedir que o exemplo dos combatentes da Revolta da Marinha Grande se espalhe a todo o nosso povo e lhe mostre o caminho a seguir para acabar com a opressão e a miséria.

NÃO! NÃO VIVEMOS NAS BARRACAS PORQUE QUEREMOS

(Continuação da pag. 1)

-se nos bairros de lata, à espera que uma situação melhor lhes permita alugar uma casa.

Enquanto existir de um lado, os senhores que possuem o capital, e por outro, existem trabalhadores que nada possuem, a não ser os seus braços, a sua força de trabalho



"No Inverno isto é a última miséria..."

e cujo ordenado lhes dá apenas para poderem viver e continuar a trabalhar; enquanto esta sociedade continuar existir, os operários não poderão pagar os preços que os capitalistas impoem, os bairros de lata e outros tipos de alojamento de fortuna continuarão como manifestação do que os burgueses chamam "crise da habitação".

Os capitalistas tentam desalojar à força os trabalhadores dos bairros de lata, para os fazerem pagar alugueres que não podem suportar e para esconder que a sua política de lucro conduz a que milhares de trabalhadores vivam na maior miséria, na imundície dos bairros de lata, sem água, sem luz nem gás, nem qualquer outra comodidade.

Poe exemplo, em Carnaxide, a câmara de Oeiras, seguindo os métodos da de Lisboa, sem qualquer aviso, mandou arrasar oito barracas onde viviam 36 pessoas, incluindo crianças. Durante dias, parte desses trabalhadores ficaram ao relento por não arranjar um tecto onde ficar. As rendas de casa, dois contos em Carnaxide, dois contos e seiscentos em Linda-a-Velha por três assoalhadas, são intocáveis para esses operários que não ganhavam mais do que 1 000 escudos por quinzena (85\$00 por dia).

As autoridades, como se tem visto, não resolvem o problema de habitação dos trabalhadores, pois, como membros do governo dos capitalistas, não constroem casas cujas



Uma das famílias expulsas do beirro de lata de Carnaxide

rendas possam ser aceites pelas classes trabalhadoras. Ao contrário, elas procuram forçá-los a dispender os seus magros salários a engordar os proprietários e outros traficantes de alojamentos.

Esta situação tem feito correr muita tinta, muitas vezes têm-se levantado ao seio da burguesia para "denunciar o escândalo dos bairros de lata. Quantas vezes não ouvimos esses senhores dizer que se devia acabar com os bairros de lata, que se devia dar casas decentes, etc... Mas isso destina-se a criar a ilusão de que nos trabalhadores, também poderemos, um dia, vir a obter casas das melhores, a vir a ser, até, pequenos proprietários. Mas não nos deixemos enganar: a burguesia só se interessa pelas condições de vida dos trabalhadores, para melhor poder esconder que a condição da sua existência como burguesia é a miséria e a opressão do povo. Admiti-lo, seria admitir também que, para acabar com a miséria dos bairros de lata, com a miséria a todos os níveis da vida do trabalhador, seria necessário destruir, em primeiro lugar, a produção capitalista e a burguesia, ela própria como classe.

a mulher emigrada

O FASCISMO MATA POR ANO 20 000 CRIANÇAS



Há já um certo tempo, os jornais portugueses relataram-nos com grande alarido um caso que se passou em Lisboa: uma vendedora de jornais teve um filho à porta do teatro Villaret, a dois passos da Maternidade Alfredo da Costa; tinha-lhe sido recusada a entrada no hospital.

A indignação da população foi grande e até a burguesia que por ali passava para ir ao teatro, e que tem os filhos nas melhores clínicas privadas, não podia de deixar fingir consternação.

Como se este caso fosse uma excepção! Quantas mulheres não terão tido os filhos em condições semelhantes?!

Em 1966, em todo o país, havia apenas 30 maternidades, 8 das quais pertencendo a particulares. Nesse ano, só uma de cada 10 mulheres foi assistida no parto. As outras nove tiveram o parto sem qualquer assistência médica, expostas aos maiores perigos,

A Mulher em Luta

A secção "A Mulher Emigrada" resolveu passar a publicar regularmente, notícias sobre a luta das mulheres no mundo. E isto, para que nós, mulheres portuguesas emigradas, a exemplo das mulheres trabalhadoras de todo o mundo e, particularmente, a exemplo das nossas camaradas portuguesas e das heroicas mulheres de Angola, Guiné, Moçambique, tomemos consciência do nosso verdadeiro papel como elemento duma classe que é explorada e que não pode, nem deve continuar a sê-lo e por isso luta constantemente.

Japão

300 mulheres manifestam-se contra o imperialismo americano

Desde o fim da 2ª Guerra Mundial, OKINAWA esta sobre o controle dos Estados Unidos. O tratado de retrocesso prevê que a antiga ilha japonesa volte a ficar sobre o controle do governo japonês, com a previsão de que as bases militares americanas, que ocupam 40% da ilha, continuarão intactas. A agência de informação L.N.S., no seu boletim de 15 de Dezembro, faz o resumo seguinte da manifestação de protesto de 4 de Dezembro contra este tratado:

"A 4 de Dezembro, mais de 3 000 mulheres manifestaram desde o mercado aberto até aos edifícios municipais de Naha, capital de Okinawa, para protestar contra o tratado de retrocesso. Via-se, no meio da multidão, várias bandeiras vermelhas e bandeirolas com 'Abaixo o Tratado de retrocesso!'"

Um dos participantes num comício que teve lugar no decurso da manifestação, precisou: "Nós não queremos ser cúmplices da política de agressão de Nixon, que mata as crianças e as mulheres na Ásia do Sudeste. Nós não queremos também que as nossas crianças venham a ser soldados do governo japonês quando ele começar a invadir as regiões ou países da Ásia".

Espanha

as mulheres apoiam os operários da construção

No passado mês de Outubro, as mulheres de Madrid organizaram-se no sentido de apoiar uma greve levada a cabo pelos seus camaradas da construção civil. Para isso distribuíram o seguinte panfleto:

Nós, melhor do que ninguém, sabemos em que condições trabalham os nossos camaradas e familiares na construção civil: pouca segurança, (há inúmeros acidentes), jornadas esgotantes de trabalho, baixos salários.

Para mais, o preço de todos os artigos de primeira necessidade (leite, ovos, pão, transportes, etc.) aumenta de dia para dia.

Para resolvermos estes problemas, a única solução que temos é fazermos face ao inimigo, todos unidos; assim nós apoiamos a greve que os nossos camaradas da construção vão levar a cabo no dia 13, recolhendo dinheiro e comida para as famílias e formando grupos diante das obras para os apoiar na luta.

Nós, mulheres portuguesas, devemos também lutar pelos nossos direitos e pela libertação de todo o povo trabalhador, recusando o vergonhoso papel que a burguesia nos quer impôr - o de travão nas lutas populares.

como hemorragias, infecções ou mesmo a morte.

Mas deixemos agora falar uma camponesa de Trás-os-Montes:

"Eu tive seis filhos; todos eles em casa e a única ajuda que tive foi uma velha que já tinha assistido a muitos partos. No nosso concelho não há maternidades e, mesmo que houvesse, com o que o meu marido ganha não tínhamos dinheiro para pagar. O último foi o que me deu mais trabalhos, não havia meio de vir. A velha já não sabia que fazer; o meu homem foi à vila telefonar ao médico, mas ele, como era gente pobre, não se apressou; quando chegou, estava eu desmaiada. Disse que eu tinha de ser cortada e levou-me no carro dele para a maternidade mais próxima, que ficava a mais de 50 kms de casa. Na maternidade fizeram-me estar à espera, cá em baixo, porque não havia lugar, diziam eles. Ao fim de duas horas, lá me levaram e abriram-me a barriga mas a criança já estava morta. Eles mataram o meu filho!"

Mas não é só na falta de maternidades que se verifica a ausência total de uma verdadeira assistência à maternidade e à infância: é na falta de assistência médica durante a gravidez, nas péssimas condições das maternidades existentes, e um exemplo disso é a Maternidade Magalhães Coutinho,



em Lisboa, que foi encerrada após uma epidemia de Salmonelas. Esta maternidade já estava superlotada e o governo nada fez para que se adaptasse rapidamente um edifício que permitisse pôr lá as mulheres grávidas; estas foram distribuídas por dois hospitais, que também já estavam superlotados, passando a ser-lhes dado alta ao fim de 24 horas e após 48 horas apenas, nos casos mais graves. As consequências foram: complicações depois do parto, casos de internamento para intervenções cirúrgicas urgentes, etc...

Portugal é o país da Europa onde a mortalidade infantil é a mais elevada; morrem por ano cerca de 20 000 crianças, vítimas da miséria e da desprotecção total em que se encontra o povo português. Nos montes alentejanos, nas aldeias do Minho, de Trás-os-Montes e Beira não há serviços médico-sociais, faltam médicos, parteiras, enfermeiras, ficam distantes as farmácias e os preços exorbitantes dos medicamentos, não estão ao alcance dos magros salários dos trabalhadores.

A miséria das famílias, a má alimentação das crianças, a não existência de quaisquer cuidados durante a gravidez, as péssimas condições de higiene em que se realizam os partos, tudo isto são as consequências de uma política fascista em que nada serve os interesses do povo.

Nas caixas, nos hospitais, nas casas do povo, os trabalhadores são tratados como cães, a despachar (são atendidos 15 e mais doentes no prazo de 20 a 30 minutos), porque nestas instituições os médicos ganham uma ninharia; ora os médicos pertencem à burguesia e como tal defendem os interesses da sua classe; como os patrões de fábrica e os proprietários rurais eles só procuram o lucro. Para isso instalam consultórios, onde a burguesia é tratada nas melhores Mulheres que têm os filhos na rua, crianças que morrem devido à subalimentação e trabalhadores vítimas de acidentes de trabalho, devido à falta de segurança, é o que nos oferece o governo fascista português, defensor dos interesses da burguesia que oprime e explora os trabalhadores e trabalhadoras do nosso país.

Por uma política de saúde ao serviço do povo

Contra esta situação devemos lutar unidos, homens e mulheres; devemos exigir aumentos de salários que nos permitam ter uma melhor alimentação, a criação de maternidades, de hospitais, de melhores condições de assistência médica, isto para impedir que os patrões e o governo fascista nos explorem ainda mais. Mas não nos devemos esquecer que nunca o Estado fascista poderá

realizar as justas aspirações do povo português.

Nos só teremos uma medicina realmente ao serviço do povo, uma verdadeira assistência médica gratuita às mulheres, antes e depois do parto, e às crianças, com maternidades, serviços médico-sociais, enfim, novas condições de vida para as largas massas de trabalhadores, quando em Portugal constituirmos um governo dos operários e camponeses, um governo que sirva verdadeiramente os interesses do povo. Só então será varrida toda a exploração e miséria.

É para isso que todos nós, trabalhadores e trabalhadoras unidos, devemos lutar.

Eu disse ao meu filho: NÃO VÁS FAZER À GUERRA COLONIAL

Em todos os números do jornal "O Salto", existe pelo menos, uma página sobre a guerra colonial. Nesta página têm-se exprimido trabalhadores portugueses - alguns contando a verdade sobre a guerra, se lá foram, a maioria explicando as razões porque desertaram.

Mas nunca até agora se ouviu a voz das mulheres, das mães em especial. E, no entanto, nós sabemos que as mulheres portuguesas querem a paz, a liberdade num Portugal livre da miséria, livre de todos os exploradores. Nós sabemos também que hoje, para elas, as consequências da guerra colonial são a miséria, a emigração forçada, a morte inglória dos seus familiares ao serviço do fascismo, numa guerra que vai contra as justas aspirações dos povos das colónias. Assim, vivendo e sofrendo as consequências da guerra na sua própria carne, elas têm uma posição sobre ela.

Uma guerra criminosa contra trabalhadores como nós

É esta posição que hoje queremos dar a conhecer n' O Salto, na voz duma antiga operária duma fábrica de cortiça, mãe de 3 filhos:

"Eu sempre disse aos meus filhos para não irem fazer a guerra colonial. E isto, digo-o não só aos meus filhos mas a toda a juventude portuguesa.

"Toda a vida fui operária e, como todos os outros, cruelmente explorada e oprimida pelos patrões e pelo governo fascista. Em mim foi nascendo o ódio dos trabalhadores contra aqueles que enriquecem à custa do nosso suor, do nosso sangue. E em Portugal sempre lutei contra eles.

"Hoje e de há dez anos para cá, esses senhores levam a cabo uma guerra criminosa contra trabalhadores como nós que lutam pela liberdade. Como poderia eu, que sempre lutei pela nossa própria libertação dizer aos meus filhos: 'Ide, ide morrer por aqueles que nos exploram, matai, torturari os nossos irmãos de classe, ao serviço do fascismo?! Nunca! A minha resposta é: Não à guerra colonial!"

"Nós, que criámos os nossos filhos com tanto sacrifício, passando privações para lhes dar de comer para os arrancar à doença e à morte, quantas a quantas vezes o nosso coração se apertava de dor e de raiva ao ver os nossos filhos chorar de fome! Quantas e quantas vezes jurámos vingarmo-nos de todo este sofrimento! E na luta, o nosso pensamento ia sobretudo para os nossos filhos; para que eles um dia pudessem viver num Portugal onde as forças da miséria e da opressão estivessem derrotadas.

"Em vez disso, que vemos nós hoje? Nas nossas aldeias abandonadas, apenas os hospitais e os cemitérios estão cheios. Nas mulheres e velhos vivem na espera ansiosa de notícias dos filhos, dos maridos, numa guerra colonial, outros na emigração. E a juventude portuguesa anda a combater, numa guerra que vai contra os nossos interesses.

"Mas contra esta situação já se opõe uma parte do povo. Os nossos filhos são cada vez mais numerosos a desertar. Cabe-nos a nós, às mulheres portuguesas, apoiá-los, unirmo-nos com eles e com todos os outros que lutam contra a guerra colonial pela libertação do nosso povo. Apoiemos a justa luta dos povos das colónias".

Apoiemos a justa luta dos povos das colónias

Os filhos desta camarada não irão fazer a guerra colonial. Como ela, existem centenas de mulheres que se recusam a colaborar na tentativa desesperada e vã do colonialismo português de impedir o desenvolvimento da vitiosa guerra popular dos povos de Angola, Guiné e Moçambique. Mulheres que estão prontas a dar a vida, se for necessário, pela emancipação do povo português.

É este o exemplo que devemos seguir. Devemos unir-nos e apoiar a justa luta dos povos das colónias pela libertação nacional.

Mulheres Portuguesas: LUTAI CONTRA A GUERRA COLONIAL.

Editorial

VIVA AS ASSOCIAÇÕES DE TRABALHADORES

(Continuação da pag. 1)

divíduos e entidades que queriam viver explorando-nos.

Durante muito tempo ela teve a sede no mesmo local do Banco, para assim atrair clientes a este; trata de quase todo o tipo de papeis oficiais, com o que faz grandes lucros (um passaporte na A.N.P.F. era mais caro que no Consulado); vai a todo o lado onde existem trabalhadores portugueses emigrados oferecer ajuda às Associações para tentar controlá-las, aliás, durante um certo tempo, ao mesmo tempo que oferece ajuda, pede dinheiro para uma carrinha.

Publica o "Correio Português" para levar a toda a parte a poeira com que nos quer tapar os olhos, e o nome do Banco.

1971: um ano de trabalho e de luta

A necessidade de uma força que unificasse as massas emigradas e, em particular, as massas associadas, para fazer frente à ofensiva dos Bancos e Consulados, era tão imperiosa que, em fins de 1970, simultaneamente em dois sítios diferentes (Holanda e França), Associações de trabalhadores lançaram um jornal com essa função: "O Salto" e "Novo Rumo".

"Ao tomarem conhecimento da existência de dois jornais (com o mesmo fim, "O Salto" e "Novo Rumo", fundiram-se, pois sabiam que a existência de mais de um jornal seria mais um motivo de divisão das massas trabalhadoras emigradas e, por isso, um crime contra elas".

A fusão dos dois jornais, em 1971, corresponde ao começo de uma nova etapa no desenvolvimento do Movimento Associativo das massas emigradas.



"Sem desenvolvermos a cultura popular não atingiremos a união"

Durante todo o ano estreitaram-se os laços de solidariedade entre as associações através da realização de festas em comum, que começaram com a ida do Clube de Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris à Holanda em Dezembro de 1970 e fecharam o ano com a festa do Luxemburgo (Esch sur Alzette), em que participaram, além da União das Juventudes de Esch, as associações da Alemanha, Holanda e França.

Foi também em 1971, no mês de Maio, que em Nantes pela primeira vez foi apresentada a peça de teatro do Emigrante, seguido mais tarde por "Solidariedade" em Paris, obras que vieram demonstrar, se ainda era preciso, que os trabalhadores podem e devem criar obras literárias e artísticas que defendem os seus interesses.

Na França, na Holanda, no Luxemburgo e na Alemanha várias associações, centros e clubes disseram: não ao Banco, não ao Consulado, não à ignorância em que estes os querem manter. Não à utilização das associações ao serviço da exploração.

Durante 1971, viu-se um pouco por todo o lado trabalhadores tomarem em mão as suas próprias ac-

tividades culturais, desportivas e recreativas.

Em fins de 1971, a A.N.P.F. e todas as suas sucursais, ditas secções, entram numa crise profunda, devido por um lado ao trabalho das associações independentes, por outro lado à sua própria natureza — a procura do lucro, a contradição que existe entre a procura do lucro e o quererem associar os trabalhadores. Os próprios dirigentes da A.N.P.F. declararam, para explicar a mudança de sede que

zado uma convenção, que reuniu muitas dezenas de altos funcionários da administração francesa, de patrões (as palavras não são nossas mas do próprio boletim)...

E mais adiante, a explicação dos presentes à formação das Associações, não necessita de grandes comentários para vermos que é a mesma coisa que a A.N.P.F. O que nada tem a ver com uma associação de trabalhadores, senão vejamos quem estão presentes: entre outros Consulado geral de Portugal, Secreta-



Viva o Movimento dos Trabalhadores Portugueses Emigrados

RM

os acusavam de serem uma associação de trabalhadores e de terem sede num Banco e que isto levava muitos trabalhadores a não irem à sede. A mudança de sede não lhes serviu para nada, como veremos.

Assim, já em princípios de 1971, um grupo de trabalhadores, sócios da filial da A.N.P.F. de Troyes, acusam na Assembleia Geral a direcção de roubar-lhes e vigarice e pedem que se forme um conselho fiscal. Como este não se formava, retiraram-se e criam uma associação independente (ver artigo da União recreativa "Os Lusitanos de Troyes" neste número).

Durante o mês de Agosto de 1971 bichas de trabalhadores esperam à porta da nova sede o seu passaporte. Segundo confidências do contabilista da A.N.P.F. não se sabia do dinheiro que eles tinham pago pelos passaportes e portanto não podiam ir tirá-los ao Consulado.

As dívidas, apesar de subsídios aumentarem e o "Correio Português" deixou de ser publicado.

Equipas Franco-Portuguesas Nova máscara da A.N.P.F.

A burguesia portuguesa através dos Bancos e Consulados, com todos os seus milhões nada conseguiu, a A.N.P.F. já não servia para nada.

Assim ela procura encontrar outro meio para enganar os trabalhadores, controlar as suas actividades, arranjar uma cobertura para substituir a A.N.P.F.

Nós já vimos, como em Portugal a burguesia mudou o nome da PIDE para D.G.S. Era, pois, preciso utilizar a mesma tática: mudar o nome da A.N.P.F. Assim aparecem as equipas Franco-Portuguesas e "A Tribuna".

Quando em meados de 1971, o Clube Português de Bourges foi visitado por uns senhores a oferecerem subsídios não disseram que eram da A.N.P.F., podiam ser corrido a tapapé, mas sim que eram as equipas Franco-Portuguesas. Mas, por acaso a morada que deram é a de Guy Le Guermec, o francês que fazia parte do "Correio Português" e a máscara caiu-lhes.

Em Dezembro de 1971, um trabalhador recebeu em sua casa um boletim "Concórdia" das equipas Franco-Portuguesas. Este boletim tem a grande qualidade de tudo explicar sobre essas equipas. Assim, no editorial desse boletim, sob o título "Quem somos" pode-se ler: "As primeiras equipas instalaram-se em Garchese aqui principiaram o seu trabalho, depois de terem organi-

ziado Nacional da Emigração, Polícia, patrões de grandes empresas que empregam muitos portugueses, (melhor, que exploram muitos portugueses e que vêm nestas equipas a possibilidade de tentar continuar a fazê-lo), representantes dos ministros, etc.

E para confirmarmos a ligação com a A.N.P.F. das equipas Franco-Portuguesas, vejamos o que nos disse este nosso camarada: "Recebi boletim sem ter feito nada. A única maneira que eles tinham de saber da minha morada foi através dos ficheiros da A.N.P.F., pois em tempos eu joguei numa equipe de futebol da A.N.P.F. e dei aí o nome para socio.

Foi também assim que um outro amigo recebeu "A Tribuna", jornal ligado à Associação dos Chauffeurs de Taxi de Jacinto Rosa, um dos "mandachuva" da A.N.P.F. e que é chauffeur particular de Onassis, um dos maiores capitalistas do mundo apoio dos fascistas gregos.

Que 1972 nos traga grandes vitórias

Se o jornal "A Tribuna" está sobretudo virado para tentar retirar o máximo de dinheiro aos trabalhadores, as equipas Franco-Portuguesas destinam-se sobretudo a tentar impedir que os trabalhadores

se organizem por eles mesmos, senão vejamos o que o Boletim das equipas diz: "As equipas Franco-Portuguesas têm que estar em todos os locais da França onde a comunidade portuguesa esteja instalada."

Os trabalhadores não se devem deixar levar por cantigas. Nós todos somos capazes de trabalhar para isso, de contrapor às equipas Franco-Portuguesas um movimento de clubes e associações, um movimento de trabalhadores portugueses emigrados, de tal forma importante que esta nova tentativa, seja como a da A.N.P.F., também um malogro para aqueles que depois de nos terem obrigado a emigrar, ainda querem tirar lucro disso. Nós podemos, se lutamos por isso, criar um movimento que responde a todas as nossas necessidades sociais, culturais e recreativas. Para isso, não precisamos de subsídios, contamos com as nossas próprias forças e elas são poderosas, pois somos nós quem tudo construímos na sociedade. Foi sem subsídios nenhuns de Bancos, nem de Consulados, nem de industriais, contando somente com o trabalho e a dedicação, os sacrifícios que colaboradores, assinantes, leitores e associações amigas puseram na elaboração e na divulgação do "O Salto", que ele chegou a 1972 e se prepara para conosco lutar para que o novo ano nos traga grandes vitórias.

Nós apelamos pois para que em 1972, aqueles que já compreenderam que é preciso lutar contra a desonestidade, a mentira, a ignorância, reforcem as fileiras do movimento dos trabalhadores portugueses emigrados, juntem as suas forças às nossas, e em todo o lado denunciem esta nova manobra da burguesia.

Nós apelamos todos os clubes de trabalhadores a se unirem, a procurarem junto de nós as informações necessárias para entrarem em contacto com os outros.

Nós apelamos os trabalhadores que ainda se encontram em associações de Bancos e Consulados a lutarem contra as direcções e caso virem que é impossível, criarem associações à parte.

Nós apelamos para que todos os trabalhadores portugueses emigrados digam não à exploração, não à ignorância e se unam à volta das associações de trabalhadores e do jornal "O Salto".

Que as equipas Franco-Portuguesas, que o Centro Cultural Português no Luxemburgo, que a Casa Portuguesa na Holanda, que os centros dos Bancos na Alemanha estejam em 1973 no mesmo estado que a A.N.P.F. são os melhores votos que "O Salto" vos pode desejar.

Que o ano de 1972 seja um ano de grandes vitórias, são os nossos votos para os trabalhadores portugueses emigrados.

V I V A

A UNIÃO DOS TRABALHADORES PORTUGUESES EMIGRADOS

ÚLTIMA HORA

FOI CRIADO O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES PORTUGUESES EMIGRADOS

Já o nosso jornal estava na impremnia, quando se realizou, em Paris, a primeira Reunião Inter-Associativa da Emigração Portuguesa.

Nela, os delegados do Centro Português de Dusseldorf, do Encontro Português de Puteaux, do Clube dos Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris, da União Recreativa "Os Lusitanos de Troyes", da Associação "Resistência e Trabalho" da Holanda, do jornal "O Salto" e de observadores de várias outras associações, decidiram, por unanimidade e aclamação criar o MOVIMENTO DOS TRABALHADORES PORTUGUESES EMIGRADOS.

Este Movimento tem o fim de :
— Estabelecer as bases de uma federação das diversas associações de Trabalhadores

Portugueses;
— Alargar o Salto a todos os principais centros da emigração portuguesa;
— Continuar, reforçar e unificar o combate às associações de Bancos e consulados;
No próximo número, faremos a reportagem detalhada das principais resoluções desta importantíssima reunião, que ficará na história da Emigração Portuguesa, como um dos seus momentos decisivos.

O Editorial "Não aos Bancos; Não aos Consulados, Viva as Associações de Trabalhadores", é parte da análise, que o nosso jornal apresenta do artigo que a Comissão Organizadora da Reunião redigiu, com o título "O Movimento dos Clubes, Movimento Popular das Massas Emigradas" e que foi aprovada.

carta da Renault

No dia 13 de Janeiro, nas fábricas de automóveis Renault em Boulogne-Billancourt, os operários elegeram os delegados do pessoal.

O sindicato CGT, embora ainda seja majoritário, vai perdendo cada mais a confiança dos operários, ficando assim, este ano, com menos 5% dos votos, com menos 8 delegados e com menos 4 cadeiras no "Comité d'Entreprise".

Quem beneficia desta perda de terreno da CGT são os outros sindicatos: CFDT, FO e CFT-SIR. Este último, é um sindicato fascista que semeia o terror na CITROËN e na SIMCA. As abstenções aumentam de 1% em relação ao ano passado. Vejamos os resultados:

	1972	1971
Inscritos	25.456	26.361
Votantes	18.773	19.194
Exprimidos	17.711	18.541
Abstenções	30,43 %	29,66 %

CGT	12.497	13.891
CFDT	2.944	2.579
FO	1.391	1.283
CFT-SIR	879	788

A primeira observação a fazer-se é que a grande maioria dos operários da Renault que são emigrantes (Espanhóis, Portugueses, Árabes, Africanos) abstiveram-se de votar. E porquê? A resposta é simples: eles consideram que os sindicatos existentes não defendem os seus interesses.

O actual movimento operário em França em geral, e na Renault em particular, mostram-nos que os operários adoptam formas de luta que na maioria dos casos os sindicatos não aprovam e muitas vezes se opõem mesmo.

Colecta permanente

Camaradas,

Saiu o nº de Dezembro do Salto e gostei muito. Podem contar comigo para o que for preciso. Eu sei quantos sacrifícios é preciso para fazer uma obra como essa. Aqui vão 5 francos operários, em selo, para um jornal operário.

Segue também o nome dum colega meu que certamente querará fazer-se assinante.

Sem mais, sempre ao vosso dispor,

L.S.

UM JORNAL DE TRABALHADORES DEVE SER PAGO POR TRABALHADORES

Caro Camarada

Junto com esta carta enviamos-te o nº 6 do Salto. Ao te fazeres assinante tínhamos-te prometido que receberias um jornal todos os meses. Ora isso não tem acontecido. E não tem acontecido pela simples razão que não temos ainda as forças necessárias para vender o número suficiente de jornais para pagar a sua impressão.

Mas há jornais que saem regularmente e até fazem grandes lucros. Pois há; são os jornais burgueses. Estes recebem grandes subsídios dos bancos e do consulado. As páginas inteiras de publicidade às firmas que vivem à custa da nossa exploração, são a sua fonte principal de lucros. A quando do Benfica-Sporting, os fascistas distribuíam gratuitamente os seus jornais e diziam que, se assim o faziam, era porque uma única folha de publicidade lhes tinha pago o jornal.

Ora O Salto, defensor intransigente dos interesses dos trabalhadores portugueses emigrados, é pago somente com o produto das vendas, das assinaturas, as receitas de algumas festas e com as contribuições dos colaboradores. mais próximos.

Muito trabalho se tem feito na divulgação do Salto — Trabalhadores e progressistas de França, Alemanha, Holanda, Bélgica e Luxemburgo têm dado o melhor do seu tempo e trabalho a difundir O Salto e é isto que possibilita que ele saia todos os 2 meses, mas muito resta a fazer.

Mas será impossível fazer um jornal que saia mesmo todas as semanas? Evidentemente que não, e aí chegaremos se continuarmos no caminho até aqui traçado. Para aí chegarmos temos que começar por fazer o jornal todos os meses e em seguida todos os quinze dias.

O que não podemos é estar à espera que os burgueses nos venham ajudar; temos que ser nós mesmos a pagar o nosso jornal. Um jornal de trabalhadores só pode ser pago pelos trabalhadores.

É preciso que todos tomemos consciência que queremos ter um jornal que nos defenda e que para isso, precisamos de lutar.

Nós sabemos, camarada, quanto te é difícil depois de um dia de trabalho, ainda ter que ler, escrever, fazer assinantes e vender jornais. Mas se queremos acabar com a pobreza e a opressão, temos que o fazer.

(Continua na pág.2)

O "SENHOR" DAS ÁFRICAS

Resposta de Justino Alves a um leitor que lhe perguntou "Ora diga-me lá uma coisa, como é que você viu que os africanos tinham razão?"

Era meu tio. A minha avó falava muito dele. Ouvia-a falar dele desde pequenino, ainda a minha mãe era viva.

— "Parece que o estou a ver quando ele partiu. Nesse dia, o seu corpo magrinho ganhou grandeza: — 'Hei-de voltar rico e poderoso. E olhem que não me vou matar a trabalhar. Trabalhem os "pretos", que são selvagens".

Isto dizia a minha avó muitas vezes, nas noites de Inverno, em redor da braseira, a coser as meias do meu avô ou a pôr remendos nos calções do neto.

Já se passaram muitos anos. Eu cresci muito. Agora a minha avó recebeu uma carta que diz que o meu tio pensa voltar. Leu a carta a todas as vizinhas do pátio. No pátio não se fala noutra coisa:

— Vai voltar o senhor das Áfricas!

andar de cabeça levantada

Nessa altura, eu andava a trabalhar numa fábrica. Tinha que me levantar muito cedo, jantar muito cedo e deitar-me muito cedo.

— "Talvez o teu tio te pague os estudos rapaz, e ainda possas andar de cabeça levantada por essas ruas — dizia a minha avó. Mas eu não concordava muito com aquilo. Para andar de cabeça levantada não era preciso ter um curso, e mesmo duvidava que o meu tio viesse rico e poderoso como ela dizia. Os operários da fábrica diziam que as pessoas tiravam cursos e que depois passavam a vida a estudar a melhor maneira de explorar os trabalhadores. Enfim, tornavam-se uns inúteis, uns lacaios da burguesia. Ora eu não queria ser burguês. Preferia aprender um ofício, tornar-me um operário, como os outros que já eram grandes e casados. Eu gostava muito de os ver quando se reuniam todos e se punham em greve. O patrão ameaçava-os com a polícia e chamava-lhes comunistas. Eles então diziam palavras que eu gostava muito de ouvir:

— A terra para quem a trabalha!

— O pão para quem o amassa!

Sabiam falar muito bem, por isso o patrão tinha medo, por isso o patrão chamava a polícia.

guerra colonial

A JUVENTUDE OPÕE-SE, CADA VEZ MAIS À GUERRA COLONIAL

LAMEGO deserções em massa

Durante a última recruta das operações especiais, em Lamego, 30 jovens milicianos desertaram, marcando assim a oposição crescente da juventude portuguesa à guerra colonial.

Esta deserção em massa deixou loucos de raiva os oficiais fascistas, que se viram obrigados a reduzir a um mês o tempo de recruta e a chamarem milicianos doutros quartéis.

MAFRA os milicianos opõem-se ao exército colonial

Também durante a última recruta na Tapada de Mafra morreram quatro cadetes do C. O.M., da Escola Prática de Infantaria quando atravessavam uma lagoa pantanosa.

Isto passou-se numa manhã. Nesse dia ao almoço, os milicianos entraram no refeitório e recusaram-se a comer. O comandante da Unidade, Hilário da Cama, apresentou-se no refeitório para tentar impedir que os milicianos continuassem o levantamento do Rancho. Os milicianos, no entanto, responderam à pressão, ocupando em massa as salas de informação e propaganda. Ali organizaram uma Assembleia onde foi desmascarada a posição do Exército e a sua responsabilidade na morte dos quatro cadetes. Foi a primeira vez, e isto é importantíssimo que uma tão grande Assembleia se pronunciasse contra a guerra colonial, no seio do Exército. Oficiais do quartel tentaram desesperadamente impedir que a Assembleia continuasse. Depois apareceu o comandante a dar ordem de dispersar. Como todos os milicianos se recusassem a sair, o comandante, furioso, deu ordem de prisão a um dos militares que estava na mesa. No entanto a

zem para dominar e escravizar outros povos.

A juventude intelectual não queria compreender que para os povos das colónias triunfarem, necessitam de fazer uma guerra longa e prolongada, que "Não à guerra!" significa defender os interesses daquela burguesia que quer impedir que a Guerra Popular de Libertação Nacional se desenvolva que destrua completamente o colonialismo e que o povo tome o poder.

1961 era o ano onde nas Universidades e Liceus os que se opunham à Guerra Colonial liam poemas do ultra vendido ao imperialismo que é Leopold Senghor (1). O paternalismo em relação aos africanos reinava, todo o mundo lhes queria dar lições.

Em resumo, o movimento intelectual de oposição à guerra era um movimento sob a direcção e ao serviço da burguesia.

os comités de luta anti-colonial

A partir de 1964, as coisas começaram a mudar. Os elementos mais conscientes da classe operária portuguesa começam a compreender a traição que representa a posição pacifista. A partir dessa altura, a influência desses elementos da classe operária sobre o movimento estudantil começa a fazer-se sentir. A posição de "Não à guerra!" perde terreno. A criação dos C.L.A.C. (Comités de Luta Anti-Colonial) em 1970 foi um grande passo em frente na luta contra a guerra colonial. As primeiras manifestações realizadas em Portugal contra a guerra colonial, em 21 de Fevereiro de 1970, e 19 de Fevereiro de 1971 (3), organizadas pelos C.L.A.C., onde muitos estudantes participaram ao lado dos trabalhadores, mostraram como a juventude estudantil estava decidida a unir-se às massas trabalhadoras. Nestas manifestações, os estudantes gritaram as palavras de ordem dos trabalhadores:

— "Viva a guerra justa dos Povos das colónias!"

O resultado da difusão das idéias que defendem os interesses dos trabalhadores nos meios estudantis está a vista. Ele é confirmado pelo aumento da oposição à guerra dentro dos quartéis, por parte de antigos estudantes.

José Rocha

1- Leopold Senghor - Presidente do Senegal, ao serviço da continuação, sob novas formas, do colonialismo francês. Inimigo das verdadeiras lutas de libertação, ele têm-se oposto a que o PAIGC tenha bases de apoio e hospitais no seu território. Isto tem-lhe valido a condenação por parte de povos de todo o mundo.

2- O Salto nº 1

3- O Salto nº5

DESERTOR PORTUGUÊS MORTO PELOS CARABINEIROS

Caros Amigos de "O Salto"

O caso que vou descrever é verdadeiro e passou-se no mês de Abril de 1971, em terras de Espanha.

Um soldado português da região de Castelo Branco que pretendia escapar-se à criminosa e injusta guerra colonial, resolveu pôr em prática uma honesta decisão, desertar... já contava 17 meses de serviço militar em Portugal e, quando recebeu ordem para ir matar os irmãos das colónias da Guiné, resolveu fugir para França, mas infelizmente não conseguiu cá chegar, pois no caminho encontrou uns assassinos que o mataram e, esses assassinos foram os "Carabineiros" espanhóis, pois como todos sabem o governo fantoche de Caetano mantém contactos secretos com a polícia espanhola.

Este nosso compatriota, quando viu os carabineiros, pôs-se em fuga e estes com uma bala assassina logo lhe causaram a morte. Segundo informações dadas pela PIDE à família deste nosso camarada desertor, o governo reaccionário de Franco teria alegado que os seus guarda-costas mataram o homem porque pensavam que ele era um traficante de drogas, isto em virtude de na semana atrozada, terem sido encontradas pessoas no tráfico deste estimulante, enfim, desculpas de mau pagador.

Nós não podemos admitir que camaradas nossos continuem a ser mortos a tiro quando tomam a justa resolução de desertar do exército colonial.

Aqui deixo os meus sinceros sentimentos de revolta em memória do nosso compatriota. Caros amigos, nada mais vos tenho a dizer a não ser desejar-vos as minhas maiores saudações revolucionárias e ao mesmo tempo um ano novo 1972 cheio das maiores prosperidades.



Os principais aliados do povo português

Eu ia para casa e contava todas estas coisas à minha avó. Um dia disseram-me que as Áfricas não eram portuguesas e que o senhor meu tio, que estava para regressar, tinha lá ido roubar a terra dos africanos, explorar os africanos assim como o meu patrão roubava a terra que era nossa e nos explorava também.

— "Até que um dia, rapaz. Um dia, isto há-de fazer BUM!"

O Tomé dizia-me muita vez estas coisas, por isso gostava muito dele.

Nessa noite fui para casa. Falei com a minha avó e ela contou-me que o meu tio escrevera a dizer que os "negros" se tinham revoltado e que ele resolvera apressar a sua volta.

Lembrei-me do que me tinha dito o Tomé da fábrica e disse à minha avó:

— "Avózinha, os Africanos fizeram BUM!"

Justino Alves



solidariedade de todos os milicianos impediu que este seu camarada fosse preso.

a luta contra a guerra colonial

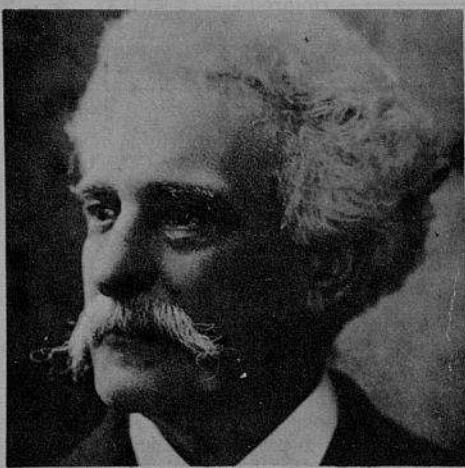
As acções de Lamego e Mafra são o produto de um longo trabalho de propaganda e educação das massas estudantes que vem a ser feita desde 1964.

Quando em 1961, a luta de libertação em Angola passou à fase da luta armada, a burguesia portuguesa encontrava-se, como ainda se encontra, dividida sobre como se opor ao desenvolvimento da luta de libertação dos povos das colónias. Por um lado, havia os fascistas que diziam: — A única maneira é a tiro!; por outro lado, havia a chamada oposição que, compreendendo que a luta dos povos africanos seria, cedo ou tarde, triunfante, propunha uma solução de compromisso: tentar que os povos africanos lutassem até à vitória total. Bom, ambas se opunham à destruição completa da exploração nas colónias.

Em Agosto de 1961 saía um comunicado conjunto de vários grupos da oposição portuguesa, onde era condenada "o terrorismo das organizações africanas" (Tribuna Livre). Isto mostra bem a sua oposição, que nenhuma pomposa "declaração de apoio aos povos das colónias" pode esconder.

Ora, a juventude intelectual seguia, na sua esmagadora maioria, a posição da burguesia: a maior parte colocou-se do lado dos fascistas e condenou a luta de libertação; a outra parte colocou-se ao lado da burguesia liberal e dizia: "Não à guerra!"

"Não à guerra" significa não fazer a distinção entre guerras justas, as guerras populares contra os opressores e guerras injustas, as guerras que os exploradores fa-



Paul Lafargue

Além do "Catecismo do Trabalhador", Paul Lafargue escreveu muitos outros livros e artigos, Mas Paul Lafargue não se limitou a escrever. Durante toda a sua vida que vai de meados do século passado até princípios do nosso século, ele foi um incansável combatente dos interesses da classe operária, e um inimigo intransigente dos governos capitalistas.

Paul Lafargue tomou também parte no movimento da Comuna em 1871. Fazendo parte da secção de Bordeaux da Associação Internacional dos Trabalhadores, ele participou activamente na difusão das idéias da Comuna de Paris, que eram:

1- Resistência à burguesia na sua vergonhosa política de capitulação perante o inimigo alemão, organizando o povo para defender a pátria.

2- Tomada em mão pelo povo de Paris dos principais órgãos do poder de Estado. Assim escrevia ele:

"Que despertar em Paris! Nós organizaremos qualquer coisa em Bordeaux... Talvez dentro de alguns dias com a ajuda de alguns companheiros da Guarda Nacional, o Perfeito será corrido."

..No dia 18 de Abril... Paris tornou-se invencível... Nem as munições nem os homens decididos a combater faltam."

Como membro da Associação Internacional dos Trabalhadores, Lafargue combateu sempre firmemente, na secção francesa, as idéias de Proudhon que iam contra a organização e centralização do movimento operário. Isto está expresso numa carta que ele escreveu a Karl Marx:

"O que havia de extraordinário nesta assembléa era a necessidade de centralização que todos os membros sentiam e a consciência nítida e precisa que a classe operária tinha da sua individualidade como classe e do seu antagonismo contra a burguesia. Você, o campeão da luta de classes, ficaria profundamente feliz se assistisse a esta manifestação".

A sua confiança na Internacional era imensa: "Hoje, a classe operária, graças à Internacional que fez um progresso imenso desde as últimas eleições, graças à federação das sociedades operárias, sente a sua força e quer agir custe o que custar".

A sua actividade à cabeça do partido operário, na propagação das idéias revolucionárias no seio da classe operária, valeu-lhe repetidas vezes a prisão, e supressão dos seus escritos. Mas a sua determinação é total:

"Vós podeis denunciar-nos, os vossos governos podem-nos massacrar, mas enquanto existirem as fatalidades económicas que dividem a sociedade em duas classes antagonistas, a bandeira da reivindicação social levantar-se-há."

Todas estas ideias, Paul Lafargue expôs sempre com clareza e simplicidade com a preocupação máxima de ser lido e compreendido pela classe operária. Para isso muito contribuiu o facto de Paul Lafargue não ser um escritor desligado da prática da luta de classes, mas sim um militante que pôs sempre as suas obras ao serviço da causa do proletariado (das classes trabalhadoras).

As obras de Paul Lafargue até 1891 (fora dos seus artigos) são:

"O Direito à Preguiça", refutação do "Direito ao Trabalho" de 1848, Paris 1883.

"O Materialismo Económico de Karl Marx", curso de economia social, Paris 1884.

"A Religião do Capital", Paris 1887.

"Pio IX no Paraíso", Lille 1890.

Em colaboração com Jules Guesde escreveu "O Programa do Partido Operário" 1883.

CULTURA POPULAR

Para que servem os patrões?

Operário — Porém, se não houvesse patrões, quem me daria trabalho?

Socialista — Com frequência, alguns companheiros me apresentam essa questão. Querem que a examinemos? Para trabalhar necessitam de uma fábrica, máquinas e matéria prima.

- O. — Perfeitamente.
- S. — Quem construiu a fábrica?
- O. — Os pedreiros.
- S. — Quem construiu as máquinas?
- O. — Os mecânicos.

S. — Quem semeou o algodão que tu teces, quem cuidou da lã que tua mulher fia, quem extraiu o mineral de ferro que forja o teu filho?

O. — Os cultivadores, os pastores, os mineiros, os operários como eu.

S. — Por conseguinte, tu, a tua mulher e o teu filho só podeis trabalhar porque estes diferentes operários vos forneceram fábrica, máquinas e matéria prima.

O. — Justo; eu não posso tecer sem algodão e sem tear.

S. — Logo, não é o patrão que te dá trabalho, mas sim o pedreiro, o mecânico, o cultivador. Tu sabes como o teu patrão pode obter tudo o que tu necessitas para trabalhar?

O. — Comprou-o.

S. — Quem lhe deu o dinheiro?

O. — Eu não o sei; seu pai ter-lhe-á deixado alguma coisa; ele acha-se agora milionário.

S. — Ganhou ele o seu milhão fazendo girar as suas máquinas e tecendo o seu algodão?

O. — Nada disso. Foi fazendo-nos trabalhar a nós.

S. — Enriqueceu pois, na ociosidade; é a única maneira de fazer fortuna; os que trabalham ganham só o necessário para viver. Porém, diz-me se tu e os teus companheiros de oficina não trabalhassem, não se oxidariam as máquinas do patrão e não se estrengaria o algodão?

O. — Tudo se arruinaria na fábrica, se não trabalhassemos nela.

S. — Por conseguinte, trabalhando, conservas as máquinas e a matéria prima que te são necessárias para trabalhar.

O. — É verdade, e nunca tinha pensado em tal.

S. — O teu patrão ocupa-se do que se passa na fábrica?

O. — Não muito: todos os dias dá a sua voltinha para nos ver trabalhar, porém, guarda as mãos nas algibeiras para não as sujar. Na fábrica de fios, onde trabalham minha mulher e minha filha, nunca se vêem patrões, apesar de lhes serem quanto; porém o facto ainda mais ressalta na oficina de

metalurgia de meu filho: ali nunca se vêem nem se conhecem os patrões, nem há meio de ver sequer a sua sombra; é uma sociedade anónima, o patrão: por exemplo, se tu e eu tivéssemos quinhentos escudos no bolso, poderíamos comprar uma acção e convertermos-nos em patrões, sem nunca ter posto os pés na oficina e sem necessidade de os pôr jamais.

S. — Quem, pois, vigia e dirige o trabalho nessa oficina de patrões accionistas, nessa fábrica de fiação de quatro patrões associados e na tua mesma fábrica com um só, se não aparecem por ali ou se não vão enão fazem nada?

O. — Os directores e os contramestres.

S. — Porém, se são os operários que edificaram a fábrica, os que construíram as máquinas e produziram a matéria prima; se são os operários os que trabalham com as máquinas e os directores e os contramestres que regulamentam o trabalho, o que faz o patrão?

S. — E se houvesse um caminho de ferro daqui à Lua, poderiam enviar-se para ali, sem bilhete de volta, todos os patrões, sem que a oficina metalúrgica de teu filho, a fábrica de fiação de tua mulher e a de tecidos onde trabalhas deixassem de forjar, fiar ou tecer, como à sua partida. Sabes quanto ganhou o teu patrão o ano passado?

O. — Calculamos que tenha ganho dez mil contos.

S. — Quantos operários emprega, entre homens mulheres e crianças?

O. — Um milhar.

S. — Que salários vos dá?

O. — Uns por outros, cerca de dez contos ao ano, contando com os ordenados dos directores e dos contramestres.

S. — De modo que os mil trabalhadores da fábrica receberam dez mil contos de salários, o preciso para não morrerem de fome, enquanto que o teu patrão embolsou dez mil contos por não ter feito nada. De onde vêm estes vinte mil contos?

O. — Do céu não é seguramente, pois eu nunca vi chover dinheiro.

S. — São, pois, os operários da fábrica que produziram os dez mil contos que receberam de salários, e além disso os dez mil contos de benefícios para o patrão, o qual empregou uma parte deles em comprar novas máquinas.

O. — E incontestável.

S. — Visto isso, são os operários que produzem o dinheiro que o patrão consagra a comprar máquinas para a produção: são os directores e contramestres, quer dizer, os assalariados como tu, os que dirigem esta; pois então, para que serve o patrão?

O. — Para explorar o trabalho.

S. — Diz melhor, para explorar o trabalhador; é mais claro e mais exacto.

Paul Lafargue

LIVROS que devemos ler

"O Catecismo do Trabalhador" de PAUL LAFARGUE — a existência deste livro em português, agora editado na Bélgica, vem preencher a falta que se fazia sentir de um livro acessível à maioria dos Trabalhadores portugueses emigrados e explicando o que é a exploração capitalista nos seus principais aspectos.

A maioria dos livros que tratam deste assunto exigem já um certo número de conhecimentos sobre economia.

Para nos dar uma ideia deste livro transcrevemos uma passagem do "Catecismo do Trabalhador" juntamente com uma breve análise da vida de PAUL LAFARGUE.

O SALTO E A CULTURA POPULAR

Nº2 "A Cultura Popular".

Brochura que defende a posição do Salto, em relação à cultura popular e faz uma breve análise das formas de expressão artísticas que o nosso povo criou ao longo dos séculos.

Nº3 "Angola"

Análise da exploração colonial em Angola, seguida de uma curta história do desenvolvimento e situação actual da Luta de Libertação Nacional.

Para obter qualquer destes textos, basta escrever para o Salto, indicando o nome do livro desejado e 2 F. em selos para o "Catecismo do Trabalhador" e 1 F. 50 para "O Salto e a Cultura Popular".

No preço estão incluídos 50 c. para o envio pelo correio.

FESTAS

BAILE EM TROYES

No Hal nº1, Foire au Champagne, no B. de Belgique, a UNIÃO RECREATIVA "Os Lusitanos" organiza no SÁBADO, dia 11 de Março, pelas 21h 30m um GRANDIOSO BAILE com 2 conjuntos.

Ela conta com a presença de Portugueses de todas as regiões.

O SALTO E A CULTURA POPULAR

DOMINGO, 27 DE FEVEREIRO, pelas 16 horas

Em comemoração do dia 21 de Fevereiro, dia em que se realizam jornadas de solidariedade entre os povos de todo o mundo contra o colonialismo e o imperialismo, "O Salto" organiza uma sessão sobre a luta de libertação em Angola e a solidariedade entre o povo português e os povos das colónias.

No 59, rue de la Fontaine-au-Roi, Paris XI Metro République ou Goncourt

FRANCOVILLE

DOMINGO, 20 DE FEVEREIRO, pelas 15 horas

Festa Popular, com a peça de teatro "O Emigrante" apresentada pelo C.J.T.P.P.; Canções por Carriço e Música de acordeon

No Cinema VOX, rue de la Station

CONHECE os clubes de trabalhadores

FRANÇA

IVRY

Clube dos Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris

25, Rue Christophe Colomb metro: Pierre Curie

TROYES

União Recreativa "Os Lusitanos"

39, Rue de Freize 10 Troyes

PUTEAUX

Associação "Encontro Português"

20, Rue du Centenaire

NANTES

Associação dos Trabalhadores Portugueses de Nantes

9, Rue des Hautes Pavés

BURGÉS

Clube Português do Cher

5, Rue de La Thaumassière

HOLANDA

Associação "Resistência e Trabalho"

Brink 1 A - Amsterdam

ALEMANHA

Centro Português de Neuss

404 Neuss -8- Postfach 923

O OPERÁRIO E O MÉDICO

Narrador - Um operário, um dia doente, com os olhos vermelhos e o corpo quente duma febre em que o ódio de explorado se misturava ao corpo inflamado, tendo as mãos sujas de suor não aguentando mais a dor, foi ver o médico para uma radiografia.

O médico - Vejo a silicose, rapaz, que desafia.

O operário - Fui mineiro e explorado mas ao fundo da silicose o que está levantado? o que é que me doi assim forte como uma navalha que rasga e me faz do pulmão palha?

Doutor, diga-me a verdade!

O médico - A má nutrição e a fraqueza devido à idade...

O operário - Mas mais ao fundo, doutor, ao fundo da idade e de todas as doenças do mundo?

o que tenho que rompe e canta e arma a minha mão que se levanta?

O médico - Não vejo bem!

O operário - É mentira, tu estás a tremer perante aquilo que estás a ver.

E vêes um ódio, o ódio do operário contra o estado que defende o proprietário

um ódio de quem não cala, nem consente vivificador, contagioso, ardente

um ódio que precisa duma operação e já se afia o bisturi da Revolução.

Milhano

O SALTO

56, Rue de la Fontaine-au-Roi

PARIS-XI

Metro-Goncourt

HORAS DE ABERTURA

2 feira 16h. - 22h.30m

4 feira 20h. - 22h.30m

6 feira 20h. - 22h.30m

Sabado 16h. - 20h.

SECÇÃO SOCIAL
VENDAS
REDACÇÃO
SECRETARIA